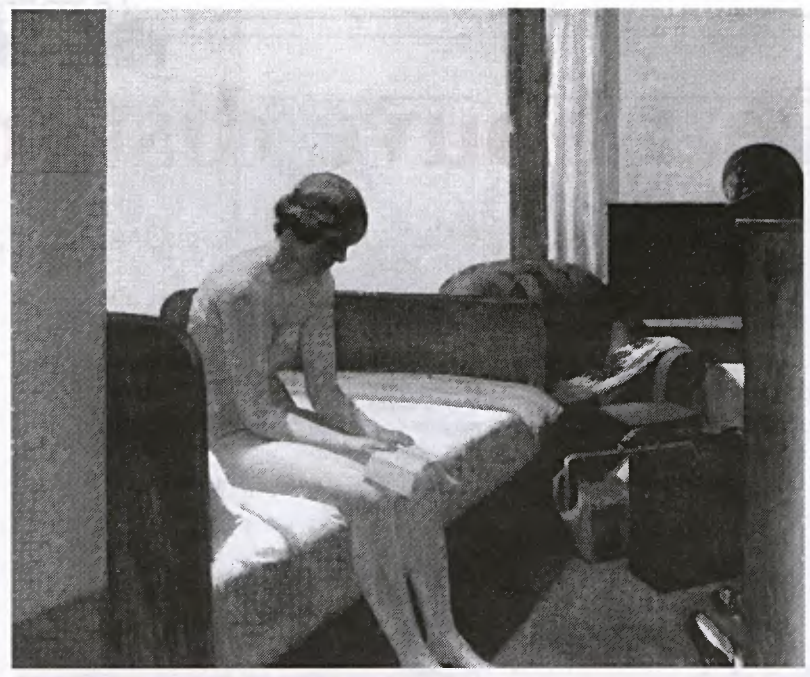
A TRISTEZA QUE MATA

Como o desânimo e a falta de auto-estima afetam o sistema imunológico do organismo, favorecendo o aparecimento de tumores malignos.

Pág. 16



Quarto de Hotel (1931), de Edward Hopper

Jornal da UNESP
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
NOVEMBRO/99 - ANO XV - Nº 140

O Céu é o limite

Paulo Velloso

Todo dia de Finados, a cena se repete: os túmulos mais visitados são os de pessoas como Padre Donizetti e Menina Izildinha, gente de vida sofrida e misteriosa que o povo adora como santo e quer ver beatificada.

Págs. 8 e 9

Parceria entre Editora UNESP e Câmara Brasileira do Livro cria escola para profissionalizar mercado livreiro.

Pág. 12

Cachaça não é água, não

Universidade promove o *Dia de alerta ao uso nocivo de álcool.*

Pág. 7

Pet: houve distorções?

CLÁUDIO DE MOURA CASTRO

Será que o Pet – Programa Especial de Treinamento – foi distorcido em sua implementação? Acho que aqui está o pomo de uma discórdia que andou circulando por aí. Claro, o Pet pode ter muitos objetivos perfeitamente sérios. Mas vamos recuperar a história e voltar aos objetivos iniciais e, então, perguntar se foram distorcidos. Isto é muito fácil, pois os objetivos iniciais foram por mim definidos, na época da sua criação.

Minha idéia, uma reprodução sem maior originalidade da experiência que vivi no programa de bolsas da FACE/UFMG, era criar uma universidade de elite dentro de uma universidade de massa. A contagem dos graduados daquele programa que ocupam posições importantes no cenário intelectual e administrativo de Minas Gerais e do Brasil mostra números extraordinários. Não poderia aqui entrar a listá-los, mas desde há várias décadas ocupam um espaço intelectual fora de proporção com o seu número.

Esse exemplo mostra justamente que faltam no Brasil as universidades de elite, formando um grupelho com uma preparação superlativa. As poucas que tínhamos foram massificadas e não há maneira de justificar mais cursos caros, diante do montante assombroso de gastos com o ensino superior público. Lembraria a Escola de Minas de Ouro Preto, origem de grandes saltos na siderurgia e na geração de eletricidade que mediocrizou-se ao crescer e virar universidade.

Assim é que formamos uma elite intelectual de porte diminuto. A pós-graduação, ainda que absorvendo apenas cerca de 3% dos graduados do ensino superior, não tem matéria-prima de primeira qualidade em quantidade suficiente. Quando era diretor da Capes e examinava as candidaturas para bolsa no exterior, um grupo ainda mais reduzido chamava minha atenção sobre o fato de que praticamente tínhamos mais bolsas do que candidatos de primeira linha. Se o Pet pudesse aumentar esse fundo de alunos de primeira água, isto já justificaria sua existência.

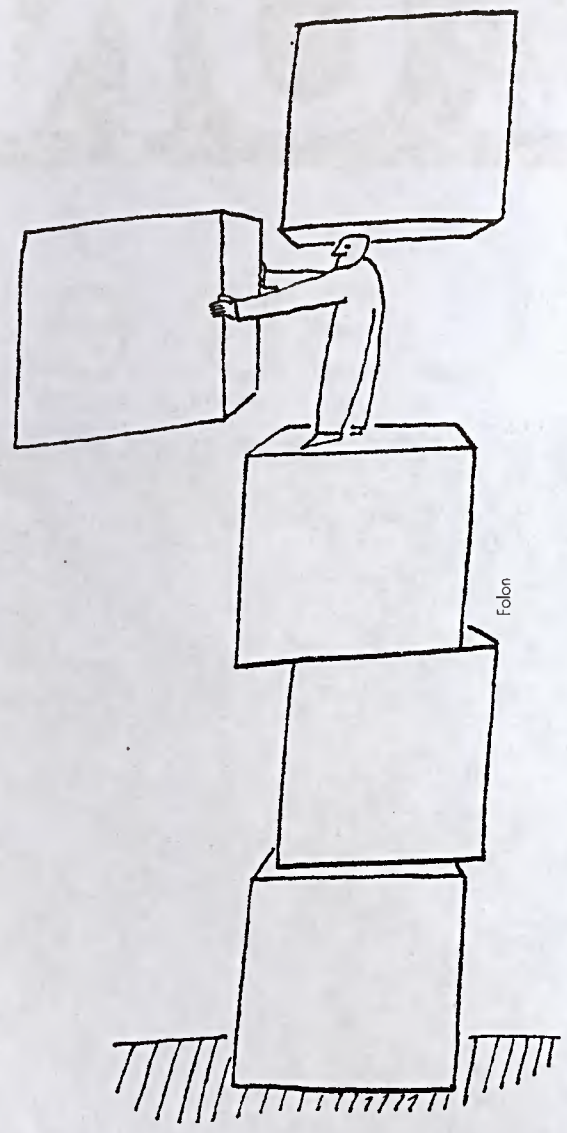
Sempre vi o Pet como um programa para poucos. De resto, é uma idéia muito parecida com os "honor programs" de algumas universidades grandes americanas, que criam pequenos programas para compensar a massificação do ensino. A vocação dos graduados do Pet para entrar na pós-graduação não era explícita e sequer mencionada nas instruções que dávamos aos seus coordenadores. Mas sempre pensei que esta vocação fosse um resultado inevitável e desejável. De resto, na graduação das primeiras turmas do Pet, festejamos os sucessos nos exames para a pós-graduação.

Na verdade, ao participar de uma reunião dos Pets da UNESP, faz alguns anos, chamou-me a atenção a variedade de atividades inventadas, alguns esforços deliberados de reforçar a graduação como programa, ao mesmo tempo que a orientação para a PG não era explicitada. Não cheguei a me desapontar, porque os dados mostravam um contingente sólido indo para a pós-graduação. Mas esperava uma orientação espontânea para a pós-graduação bem mais clara e bem definida.

Meu medo com relação ao Pet era o que via como a ameaça de populismo, de popularização, de um espírito de caridade cristã espúria, de que as bolsas fossem concedidas por necessidade econômica e não por excepcional mérito intelectual. A elitização intelectual era o objetivo, não o perigo. Víamos no Pet uma forma de dar a oportunidade de estudar em um ambiente estimulante e privilegiado a qualquer aluno que tivesse as condições intelectuais e o interesse. A bolsa serviria para neutralizar os fatores sociais que poderiam impedir a participação de alunos obrigados por razões econômicas a trabalhar. Mas sempre achei que, para cuidar da imensa iniqüidade do nosso ensino superior, a solução estava e está em melhorar os cursos de primeiro e segundo graus. O Pet é para criar uma elite intelectual, e seu papel como instrumento de justiça social é diminuto, de pouco impacto e, portanto, irrelevante na ordem geral das coisas.

Todas as avaliações que vi, e não foram poucas, mostram que o Pet foi em cima da mosca, se definidos os objetivos tal como o fiz acima. Mais ainda, teve impactos tangíveis sobre a graduação. Fiquei também feliz de ver que a forte interação do grupo reproduz os mesmos resultados que vivi na UFMG e que superam de longe os que podem ser obtidos com o sistema de bolsas isoladas da Iniciação Científica do CNPq. Em outras palavras, o grupo Pet gera valores acadêmicos, padrões de excelência que se reforçam pela interação. Grande parte dos resultados do Pet se devem a este ambiente, cujos padrões e cujas expectativas estão muito acima da média do restante da escola.

Considerando isso tudo, pelo meu julgamento, o Pet não se distanciou das linhas traçadas inicialmente. Pelo contrário, seguiu-as mais à risca do que eu próprio poderia esperar. Julgo, portanto, que o programa não pode ser acusado de haver se extraviado de sua linha. Alguns podem não estar de acordo com a linha do Pet e pensar em outra orientação melhor, mas a linha que seguiu foi a mesma dada na sua origem. E, em retrospecto, acho que é a linha correta.



Cláudio de Moura Castro *é economista, diretor de Programas Sociais do Banco Interamericano de Desenvolvimento, BID, em Washington, e ex-diretor da Capes.*

CARTAS

VESTIBULAR

Fala-se muito sobre o perfil dos vestibulandos sem um real conhecimento do tema. Os esteriótipos se multiplicam e isso prejudica a relação das universidades públicas com a sociedade como um todo. Por isso, foi com felicidade que li a reportagem *Cara a cara com o candidato* (***Jornal da UNESP***, edição de outubro, nº 140), sobre a pesquisa *Dez anos depois: UNESP, diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos (estudo de variáveis de capital cultural)*, de Dulce Whitaker e Elis Cristina Fiamengue. No texto, é dito que a pesquisa foi publicada em livro – como posso adquirir a obra?
Alessandra Rezende, educadora, São Paulo, SP.

O trabalho foi lançado na série Pesquisa Vunesp, nº 11, e *pode ser encontrado na Fundação para o Vestibular da UNESP – Vunesp, ao preço de R$ 8,00. Outras informações, pelo telefone (0xx11) 3670-5300.*

MARCUSE

Que surpresa – grata surpresa! – reencontrar, redivivo, o velho e bom Marcuse nas páginas do ***Jornal da UNESP*** (edição de outubro, nº 140). Depois de alçado à condição de "pensador rebelde" pelos jovens de 68, em todo o mundo, o filósofo alemão, injustificadamente, caiu num relativo ostracismo. Parabéns, portanto, à Editora UNESP, em particular, e à Universidade, como um todo, pelo oportuno lançamento do livro *Tecnologia, Guerra* e *Fascismo*, com textos escolhidos de sua obra.
Christina Scardini, psicóloga, Campo Grande, MS.

INTEGRALISMO

Acredito ser da maior importância a difusão de informações como as veiculadas na reportagem *Anauê! O nazismo tupiniquim* (***Jornal da UNESP***, edição de outubro, nº 140). Nunca é demais lembrar, sobretudo às novas gerações, os perigos e armadilhas encerrados em ideologias totalitárias. Num País de "Ratinhos" e "Enéas", onde a memória é moeda rara, não causa espanto que um movimento de pífios dotes intelectuais e tão oportunista como o integralismo tenha conseguido arregimentar mais de um milhão de seguidores. São pesquisas como a da filósofa Rosa Cavalcanti, que deu origem à reportagem, que justificam a existência de uma universidade.
Jefferson Barcellos, jornalista e professor da Universidade de Ribeirão Preto, Unaerp.

Congratulo o ***Jornal da UNESP*** pela reportagem sobre o valoroso valeparaibano Plínio Salgado. É bom que as novas gerações saibam como era querido e estimado por milhões esse grande jordanense de saudosa memória.
Paulo César de Castro Silveira, São José dos Campos, SP.

ESCOLA DO LIVRO

Esplêndida a iniciativa da Universidade e da Fundação Editora da UNESP na criação da Escola do Livro. Acredito que, como eu, há muitas pessoas interessadas nos assuntos que ela promete abordar. Em nota publicada na edição de setembro, nº 139, do ***Jornal da UNESP***, há a informação de que a escola passaria a funcionar em setembro, o que não ocorreu. Quando, de fato, ela inicia suas atividades?
José J. de Moraes, Araraquara, SP.

A Escola do Livro iniciou suas atividades no dia 27 de outubro último. Leia reportagem sobre o tema à página 12.

unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araraquara), Welingtom Dinelli (FO-Araraquara), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araraquara), José Roberto Emandes (IQ-Araraquara), Antônio Quelce Salgado (FCL-Assis), Cleide Santos Costa Biancardi (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Fernando Augusto Silva Marins (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Antônio Geraldo de Aguiar (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior (FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Silvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Regina Coeli Guedes de Souza Pinto (IA-São Paulo).

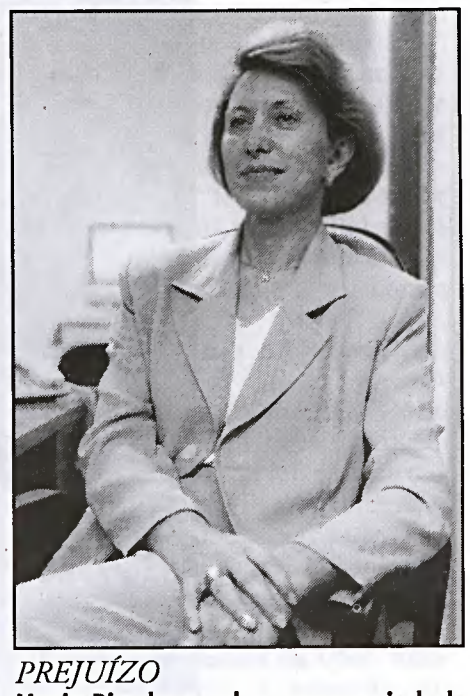
JORNAL DA UNESP
Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evanildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Renata Franco e Waltalr Martão (reportagem); Regina Agrella (fotografia); Mariza e Paulo Zilberman (ilustração)
Produção: Mara R. Marcato e Patrícia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323 e 252-0327. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br.
e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: http://www.unesp.br/jornal/
Fotolito e Impressão: Imprensa Oficial

A educação fica mais pobre

Mesmo com resultados irretocáveis, a Capes extingue o Programa Especial de Treinamento, prejudicando 3.466 bolsistas e, por extensão, toda a sociedade brasileira

Fotos Hélcio Toth

CRÍTICA
Maristela: Capes foi arrogante



PREJUÍZO
Maria Bicudo: perda para a sociedade

Uma consagrada máxima do futebol diz que "em time que está ganhando não se mexe". A sentença pode se aplicar nos gramados, mas não vem sendo colocada em prática pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que extinguirá, em 31 de dezembro próximo, o Programa Especial de Treinamento (Pet). "Quem perde com isso não são apenas os 3.466 bolsistas de todo o País e os 315 tutores, mas a comunidade acadêmica, a educação do Brasil e a sociedade como um todo", diz a pró-reitora de graduação da UNESP, Maria Aparecida Viggiani Bicudo.

O argumento da Capes, segundo o qual o programa deve ser extinto por ser caro e atingir poucos alunos, segundo a pedagoga Maristela Veloso Campos Bernardo, assessora técnica da Pró-reitoria de Graduação da UNESP, não se sustenta. Estudos realizados na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, verificaram que o poder irradiador de cada aluno do Pet atinge 40 outros estudantes, por intermédio de cursos, palestras e outras atividades. Portanto, o programa, que custa ao governo cerca de R$ 15 bilhões, atingiria aproximadamente 128 mil alunos. "A atitude da Capes é arrogante ao menosprezar os investimentos feitos no Pet e a sua consolidação, e ao ignorar os pedidos das instituições de ensino superior para manter o Programa. As avaliações feitas, por solicitação da própria Capes, revelam a excelência do Pet, especialmente na UNESP", contesta Maristela (*veja gráfico ao lado*).

OPORTUNIDADES ÍMPARES

Instituído em 1979 pela Capes, então sob a presidência de Cláudio de Moura Castro (veja Opnião, na pág. 2), o Pet foi avaliado duas vezes, em 1997 e 1998, respectivamente, pelo Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior da USP (Nupes/USP) e por uma comissão especialmente designada para essa função pela Diretoria de Avaliação da Capes, sempre com ótimos resultados. "As duas avaliações apontam para a originalidade do Programa e recomendam sua permanência. Na última, é mencionado o Relatório Boyer, que avalia aspectos do ensino de graduação nos EUA e que sugere, para melhoria do mesmo, a implantação de atividades já implementadas aqui pelo Pet", constata Maristela.

Líder da Comissão Executiva Pró-Defesa do Pet, criada em julho deste ano, durante o último encontro da SBPC, no Rio Grande do Sul, e que congrega 59 universidades do País, o cientista da computação Dante Barone, tutor do Pet/Informática na UFRGS, argumenta que o programa é o único voltado à graduação que trabalha de forma integrada às três vertentes fundamentais da universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. "Além disso, realizamos aqui um estudo da correlação entre os resultados do Provão e a existência de Grupos Pet nesses cursos", conta. "Comprovamos que a existência dos Grupos contribui de forma decisiva para a qualidade do curso de graduação como um todo."

Para a pedagoga Carlota Boto, tutora do Pet/Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, os grupos Pet são, de fato, uma experiência pedagógica profundamente original e inovadora. "Para o docente, é uma excelente oportunidade de aprender a usar sua autoridade sem deixar de ser democrático. Quanto ao aluno, ao ter sua formação acadêmica enriquecida, com atividades interdisciplinares em grupo, ele se torna mais criativo e flexível", afirma. Rodrigo Martins Costa, 20 anos, segundanista e bolsista Pet/Engenharia Elétrica, câmpus de Ilha Solteira da UNESP, concorda. "Enquanto a Iniciação Científica é um trabalho individual, as atividades do Pet, realizadas em grupo, visam, além do enriquecimento técnico e científico, o crescimento humano", diz.

A alternativa proposta pela Capes para a substituição do Pet é o Departamento de Projetos Especiais de Modernização e Qualificação do Ensino Superior (Depem), da Secretaria de Educação Superior, SESu. "É um programa pífio, que não incorpora nada da filosofia subjacente ao Pet", critica Maristela. "É difícil entender como uma iniciativa inovadora e de resultados comprovados, como o Pet, possa ser substituída por uma proposta com um menor alcance no processo de formação pedagógica do aluno. Não somos contra a revisão do Pet ou contra o estabelecimento de avaliações ainda mais rigorosas para seu funcionamento. O que nos preocupa é ver a sua extinção sem um projeto substitutivo no mínimo semelhante."

A melhor média entre as universidades

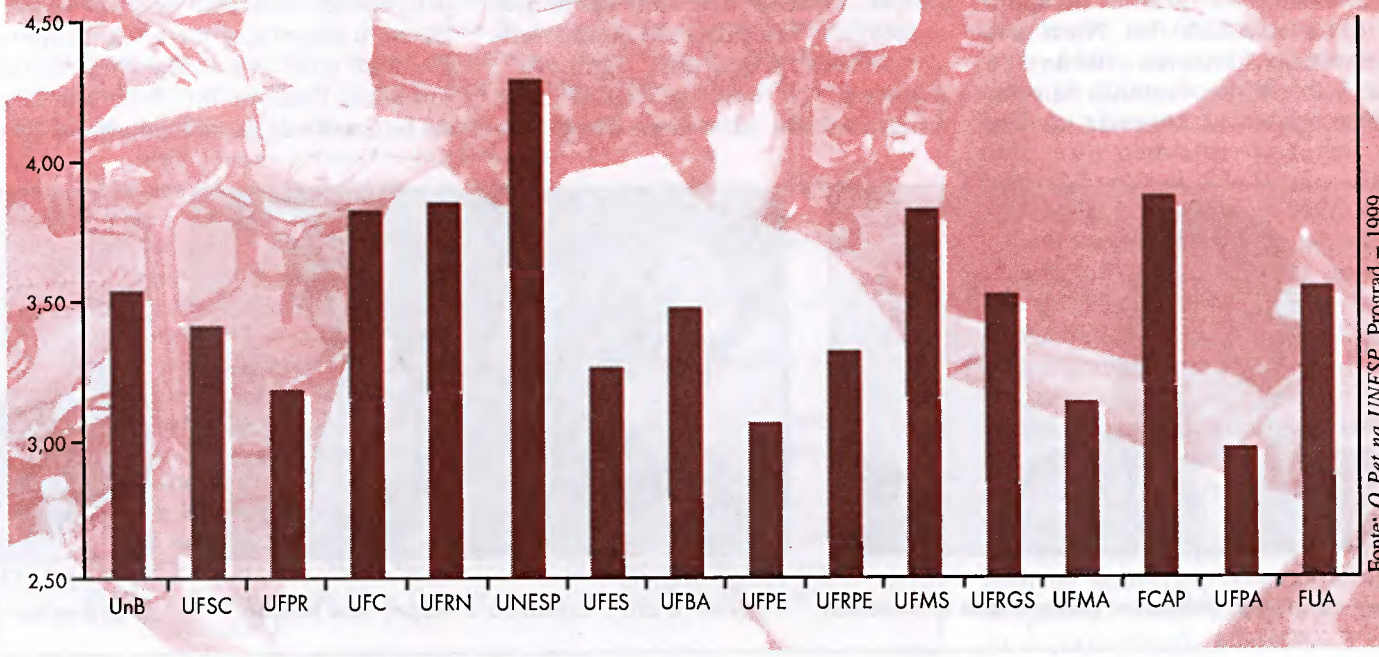
Com 29 grupos, UNESP mantém liderança qualitativa e quantitativa

A UNESP teve seu primeiro Grupo Pet, na área de Ciências Biológicas, no câmpus de Rio Claro, em 1983. "Hoje, possui 29 grupos, num total de 275 alunos, em oito áreas do conhecimento, em dez de seus 15 câmpus, mantendo a liderança, quantitativa e qualitativa, entre as 59 universidades brasileiras que participam do programa", afirma Maristela Veloso Campos Bernardo, assessora técnica da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP. "Se a Capes não houvesse interrompido, em 1997, a implantação de novos grupos, o número teria chegado a 41 na Universidade."

Os Pets da UNESP, segundo avaliação da Capes de 1998, obtiveram ótimos resultados. Foram avaliados quatro quesitos: atividades permanentes e relevantes voltadas para a Graduação, para a Pesquisa e para a Extensão; além do impacto dessas atividades na grade curricular. "Os resultados obtidos deixaram a UNESP com a melhor média geral entre as universidades brasileiras", verifica Maristela, co-organizadora do documento interno *O Pet na UNESP*, que reflete sobre os 20 anos do Programa na Universidade (*veja gráfico*).

Há seis Grupos Pet da UNESP na área de Ciências Agrárias (Agronomia, Engenharia Florestal, Medicina Veterinária e Zootecnia), cinco na de Ciências Humanas (Ciências Sociais, Geografia, História e Pedagogia); quatro na de Ciências Exatas e da Terra (Geologia, Matemática e Química), quatro na de Ciências Sociais Aplicadas (Administração Pública, Biblioteconomia, Serviço Social e Ciências Econômicas), três na de Ciências Biológicas, três na de Engenharias (Engenharia Mecânica e Elétrica), dois na de Ciências da Saúde (Farmácia e Odontologia); e dois na de Lingüística, Letras e Artes (Letras e Música, sendo este último o único do Brasil). "A implantação e o funcionamento dos Grupos Pet foi rigorosamente institucionalizado pela Prograd. Nós os consideramos irradiadores de uma nova mentalidade para o curso de graduação, no sentido de formar jovens com maior capacidade de estudo, de adaptação e de liderança", aponta Maristela.

MÉDIA DAS NOTAS POR INSTITUIÇÃO



Fonte: *O Pet na UNESP*, Prograd – 1999

O que é o Pet

Bolsa é estímulo aos melhores

O Pet é um programa destinado a grupos de alunos (máximo de 12 para cada curso) que tenham se destacado no curso de graduação. Cada um recebe uma bolsa mensal equivalente à do programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), atualmente de R$ 241,00. Os bolsistas permanecem no grupo até a sua colação de grau, quando são substituídos por meio de rigorosa seleção anual. Essa seleção envolve alunos do segundo ano do curso de graduação com, no máximo, 22 anos e nenhuma reprovação em seu histórico escolar. Cada grupo tem um tutor, de reconhecida competência, que orienta atividades, nas áreas de pesquisa, ensino e extensão, que enriqueçam o currículo e a formação acadêmica dos alunos, seja para a integração ao mercado de trabalho ou para o desenvolvimento de posteriores estudos em programas de Pós-graduação.

FÓRUM
O reitor Antonio Manoel, na abertura: diagnóstico de atividades

Fotos de Hélcio Toth

A UNIVERSIDADE CIDADÃ

Durante os quatro dias do *1º Congresso de Extensão Universitária*, pesquisadores debateram sobre novas formas de atividade extensionista e refletiram sobre seu papel na integração das ações universitárias

Com o objetivo principal de debater propostas de atuação institucional na área de extensão universitária, foi realizado, entre os dias 4 e 7 de outubro último, o *1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP*. Durante quatro dias, docentes e especialistas de todas as unidades unespianas e personalidades acadêmicas de outras instituições discutiram os rumos da universidade em geral e da extensão em particular. "Por ser uma universidade multicâmpus, é vital para a UNESP a realização de fóruns desta e de outras naturezas, que tornem possível a troca de idéias e experiências entre os membros da comunidade", diz Edmundo de Lucca, pró-reitor de Extensão e presidente da Comissão Organizadora do Congresso. "Eventos como esse são de suma importância por causa da teia de intercâmbios entre docentes e especialistas da UNESP e entre estes e docentes e especialistas de outras instituições."

Para o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, fóruns como esse são uma oportunidade para a Universidade fazer um diagnóstico sobre o que ela faz em termos de extensão e quais as perspectivas dessa atividade-fim. Num breve apanhado histórico, durante a abertura do evento, Antonio Manoel explicou que só na segunda metade do século XX a extensão adquiriu *status* de finalidade da universidade. "A função da universidade é formar seres humanos, com repercussão na sociedade", disse. "A extensão, portanto, é imanente a ela." Ainda de acordo com Antonio Manoel, por uma certa pressão de visibilidade, a extensão passou a ser tratada como função. "Passou a ser um passo metodológico, um processo que as universidades procuram organizar", explicou. "No caso da UNESP, esse congresso vai alimentar nossa Assembléia Universitária, que será realizada no ano que vem e vai debater nossos destinos."

CRÍTICA
Carlos Vogt: extensão é face social do ensino e da pesquisa

SABERES E FAZERES

As discussões aconteceram de três formas: mesas-redondas, grupos temáticos e trabalhos apresentados em forma de painéis. O evento foi aberto pela conferência *Universidade Cidadã: uma construção coletiva*, proferida pela educadora Malvina Tânia Tuttman, diretora do Departamento de Extensão da Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO) e presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. "Eventos como esse mostram a qualidade das ações da universidade pública, destacando o seu compromisso social", acredita Malvina. "São espaços importantes de reflexão sobre os saberes e fazeres da academia e de tomada de decisões para o aprimoramento das próprias universidades."

De acordo com a educadora da UNIRIO, eles mostram que é possível realizar ações sérias e competentes, que contribuam para a oxigenação da própria universidade e, desta forma, para uma formação mais cidadã dos acadêmicos, possibilitando a esperança de que surjam futuros profissionais comprometidos com os sérios problemas sociais do País. "Acredito que a extensão é, hoje, uma alternativa de mudança de rumo da própria universidade", explica Malvina. "Pois ela possibilita a redefinição de novas teorias e práticas pautadas num novo entendimento de produção do conhecimento, respeitando e considerando os vários olhares sobre o mundo." Para ela, isto pressupõe um caminhar coletivo, numa interação entre profissionais, alunos e parceiros externos à universidade.

O Congresso de Extensão conti-

PROPOSTA
O reitor da UFSCar, Rebelatto: universidade e sociedade

DEFINIÇÃO
Botomé (à *dir.*): extensão é etapa, não função

ATUAÇÃO
O pró-reitor da USP, Abreu: consciência crítica

nuou, nos dias 5, 6 e 7, com três mesas-redondas. Pela ordem: *A Extensão no contexto universitário brasileiro*, com a participação do consultor do Unicef, Roberto Mauro Gurgel, da pedagoga Maria das Graças Medeiros Tavares, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), e do psicólogo Sílvio Botomé, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); *Mecanismos de cooperação interinstitucional*, com o lingüista Carlos Vogt, ex-reitor da Unicamp e atual presidente do Instituto Universidade Empresa (UNIEMP), do ex-pró-reitor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Evandro José Lemos da Cunha, e do médico Francisco Bernardino Tancredi, diretor de Programas da Fundação Kellog para a América Latina e Caribe; e *Propostas para tornar mais forte a relação Universidade-Sociedade*, na qual debateram o reitor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Hélio Egydio Nogueira, o reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), José Rubens Rebelatto, e o pró-reitor de Cultura e Extensão da USP, Adilson Avansi Abreu.

A pedagoga Maria das Graças defendeu a idéia de que a extensão é mais do que uma das funções da universidade. "Ela se constitui, hoje, em novo padrão de universidade pública, democrática, cidadã, comprometida com os interesses da população", afirmou. "A extensão, portanto, não é uma atividade autônoma, distinta, isolada. Ela se efetiva por meio do ensino e da pesquisa e, assim sendo, as contradições existentes em sua prática não são contradições dela mesma, mas de concepção, de modelo de universidade." Em outras palavras, para Maria das Graças a percepção da existência de uma necessária separação entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão no trabalho universitário é apenas uma questão de modelos e concepções sobre o que seja a instituição universidade. "O ensino, a pesquisa e a extensão devem se articular e se inter-relacionar, mas a partir da extensão."

Sílvio Botomé pensa um pouco diferente. Para ele, a extensão pode ser uma etapa do ensino e da pesquisa. "Não gosto da definição de extensão como terceira função da universidade – as outras seriam pesquisa e ensino", diz o psicólogo. "Para mim, a extensão é uma etapa do ensino e da pesquisa." De acordo com Botomé, a extensão é uma dimensão do ensino e da pesquisa que as universidades ainda não sabem fazer direito. "Ela não é função das universidades", prega. "Assim como o ensino e a pesquisa também não o são. Na verdade, os três são meios para atingir as duas verdadeiras funções das universidades: produzir conhecimento científico e tornar esse conhecimento acessível a todos."

"ILHAMENTO"

Durante sua participação, o poeta, lingüista e ex-reitor da Unicamp, Carlos Vogt, criticou, na mesa-redonda *Mecanismos de cooperação interinstitucional*, o que ele chamou de "ilhamento" das universidades, tanto internamente, com departamentos estanques, sem contato uns com os outros, como em relação a outras instituições e à sociedade. "A alma, o coração da vida universitária é a necessidade da inserção da universidade dentro do contexto global da vida acadêmica nacional e do mundo", disse. "Essa interação interinstitucional é fundamental para o crescimento das universidades." Quanto à extensão propriamente dita, Vogt afirmou que ela é a face social do ensino e da pesquisa. "É o momento de contato com a sociedade", explicou. "É o processo por meio do qual se dá a possibilidade de a sociedade avaliar a universidade e perceber o que ela tem a ver com a vida do dia-a-dia."

Na mesa-redonda *Propostas para tornar mais forte a relação Universidade–Sociedade*, o médico Hélio Nogueira, reitor da Unifesp, também abordou a questão da relação universidade–sociedade. "Por meio dela, a universidade pode contribuir para solucionar os problemas da sociedade na qual está inserida", declarou. Para seu colega de mesa, o pró-reitor de Extensão e Cultura da USP, Adilson Avansi Abreu, a extensão alimenta a pesquisa e o ensino. "Além disso, capacita os alunos para exercitar o que aprenderam", explicou. "A extensão também deve ser entendida como desenvolvimento da consciência crítica tanto dos alunos e professores como da população."

Além das mesas-redondas, o congresso se compôs de nove grupos de discussão temáticos (*veja quadro*) e 178 trabalhos, apresentados nas formas oral e de painéis, que foram selecionados de um total de 706, que haviam sido enviados pelos docentes para serem apresentados durante o evento. "Os 178 escolhidos foram divididos entre os nove grupos de discussão temáticos", explica De Lucca. "Cada coordenador de grupo temático deverá apresentar, em momento imediatamente seguinte ao congresso, um documento com propostas de atuação institucional, que reflita o consenso alcançado com as discussões realizadas."

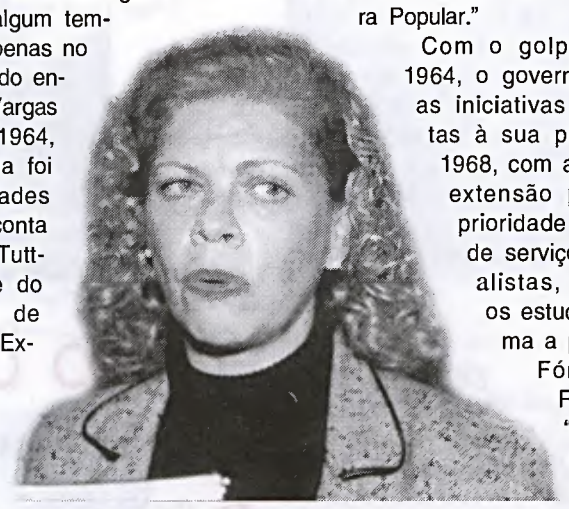
No encerramento do *1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP*, o reitor Antonio Manoel concluiu que a UNESP aprendeu muito. "Ficou claro que nós temos de nos articular, tanto com as outras universidades como dentro da própria UNESP", disse. Para o pró-reitor de Extensão, Edmundo de Lucca, esse foi um grande congresso. "Um grande congresso, em primeiro lugar, pela qualidade dos trabalhos apresentados e pela riqueza das discussões decorrentes das apresentações das mesas-redondas", elogiou. "Também foi bom porque houve uma participação e um envolvimento muito grandes dos coordenadores dos grupos de trabalho, que promoveram uma ampla discussão de cada tema sob sua responsabilidade."

Segundo De Lucca, os textos dos grupos de trabalho do congresso poderão subsidiar as discussões da Assembléia Universitária da UNESP, que deverá ser realizada no ano que vem. Ainda de acordo com o pró-reitor de Extensão, poderão também motivar a universidade e sua comunidade para participar de forma mais intensa do *Fórum São Paulo – Século XXI*, iniciativa da Assembléia Legislativa, voltada à elaboração de um Plano de Desenvolvimento para São Paulo. "Toda a documentação gerada a partir dos debates poderá servir para elaborar estratégias de atuação, para a pró-reitoria de Extensão, construídas a partir da base", acredita De Lucca. "Além disso, o trabalho do próximo pró-reitor de Extensão, quando da feitura de seu plano de gestão, certamente, será facilitado com os subsídios resultantes deste congresso, consolidando uma política de extensão da UNESP."

Novo paradigma de universidade

Nele, a população redimensiona o conhecimento

Em termos legais, a extensão universitária surgiu no Brasil em 1931, quando da elaboração do Estatuto da Universidade Brasileira. Tinha por objetivo elevar o nível da cultura geral do povo. Durante algum tempo, funcionou apenas no papel. "No período entre o Governo Vargas (1930/1945) e 1964, pouca relevância foi dada às atividades de extensão", conta Malvina Tania Tuttman, presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. "A própria Lei de Diretrizes e Bases, de 1961, faz apenas uma breve referência à extensão, indicando-a como uma modalidade de curso e reforçando o modelo conservador da universidade."



Malvina: ideário em cheque

As coisas mudaram a partir dos anos 60. De acordo com Malvina, a mobilização daquela época colocou em cheque o ideário da universidade. Alvo de críticas, por causa de seu alheamento aos problemas do mundo contemporâneo e ao seu engajamento em favor dos interesses das classes dominantes, ela precisou mudar. "Algumas instituições começaram a a desenvolver, por exemplo, atividades voltadas à população carente, prestando assistência às áreas de saúde e jurídica e alfabetizando jovens adultos", lembra Malvina. "Entre os anos de 1960 e 1964, as atividades de extensão foram desenvolvidas também graças ao envolvimento de estudantes, sobretudo por meio dos Centros Populares de Cultura e dos Movimentos de Cultura Popular."

Com o golpe militar de 1964, o governo incorporou as iniciativas extensionistas à sua proposta. "Em 1968, com a Lei 5.540, a extensão passa a dar prioridade à prestação de serviços assistencialistas, envolvendo os estudantes", informa a presidente do Fórum de Pró-Reitores. "Dessa forma, a extensão deixa de ser somente função docente, destinada a veicular o saber produzido, e torna-se, predominantemente, função discente, porém ainda de caráter assistencialista." A partir dos anos 70, e durante os anos 80, houve nova mudança de enfoque na extensão. "Com o fortalecimento da sociedade civil, surge um novo paradigma de universidade e a extensão passa a ser vista como indissociável do ensino e da pesquisa", explica Malvina. "Assume-se como trabalho social, instrumento de democratização e autonomia universitária. A população deixa de ser, então, pela primeira vez, receptora para assumir o papel de redimensionadora do próprio conhecimento."

Debates dos Grupos Temáticos

Um dos destaques do *1º Congresso de Extensão Universitária da UNESP* foram as discussões que se verificaram no âmbito dos nove Grupos Temáticos de Trabalho. De acordo com Edmundo José de Lucca, pró-reitor de Extensão e Presidente da Comissão Organizadora do Congresso, os temas desses nove grupos incluem-se entre aqueles eleitos pelo Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras para o "Plano Nacional de Extensão". Os 178 trabalhos de extensão apresentados durante o congresso foram distribuídos em nove Grupos Temáticos:

Atenção especial à criança, ao jovem e ao idoso Coordenadora: Victalina Maria Pereira di Gianni (FHDSS/Franca)

Atividades Artístico-Culturais Coordenador: Mário Fernando Bolognesi (FFC/Marília)

Cidadania e Direitos Humanos Coordenadora: Maria Valéria Barbosa Veríssimo (FFC/Marília)

Difusão de Conhecimentos Coordenadora: Maria Sueli Parreira Arruda (FC/Bauru)

Inovação Tecnológica e sua disseminação Coordenador: Joaquim Mansano Garcia (FCAV/Jaboticabal)

Meio Ambiente Coordenadora: Sâmia Tauk Tornisiello (CEA/Rio Claro)

Reforma Agrária e Trabalho Rural Coordenador: Bernardo Mançano Fernandes (FCT/Presidente Prudente)

Relação Universidade–Mundo do Trabalho Coordenadores: Eugênio Maria de França Ramos (IB/Rio Claro), Francisco José Carvalho Mazzeu (FCL/Araraquara), Maria Beatriz Loureiro de Oliveira (FCL/Araraquara)

Saúde e Qualidade de Vida Coordenador: José Lucio Martins Machado (FM/Botucatu)

PRÊMIO I

Tributo à competência

Medalha *Fernando Costa* é entregue a pró-reitor da UNESP

Em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à coletividade brasileira no campo agronômico, o pró-reitor de Administração da UNESP, Ricardo Antonio de Arruda Veiga, foi um dos três laureados com a medalha *Fernando Costa* deste ano, concedida pela Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP). O prêmio foi instituído, em 1991, com o objetivo de contemplar os engenheiros agrônomos que se destacam nos serviços prestados à sociedade, com reflexos na agronomia ou na categoria. "É uma honra que envaidece qualquer profissional", orgulha-se Veiga. "Mas, além do reconhecimento ao meu trabalho, a medalha também rende tributo à atuação da Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP de Botucatu e à própria UNESP."

A medalha será entregue no dia 23 de março do ano que vem, em cerimônia no Clube Homs, em São Paulo. Antes disso, porém, o pró-reitor já fora homenageado por conta da medalha: recebeu, no último dia 16 de outubro, uma placa da Associação dos Ex-Alunos da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP de Piracicaba, onde Veiga se graduou em 1966.

Antes de abraçar a carreira acadêmica, em 1967, Veiga trabalhou nas empresas Celulose Cambará e Alplan. Iniciou sua trajetória em Botucatu, em 1967. Doutourou-se, em 1970, pela Esalq e fez pós-doutorado na Universidade da Geórgia (EUA), entre 1978 e 79. Atualmente, além de professor-titular da FCA e pró-reitor de Administração, é membro do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo (CREA-SP) e vice-presidente da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior (ABEAS). É também pesquisador do CNPq, consultor da Capes e assessor científico da Fapesp.

Hélcio Toth

DESTAQUE **Veiga: contribuição à agronomia**

PRÊMIO II

Hélcio Toth

HOMENAGEM **Rodrigues: livre concorrência**

Pelo bem social comum

Láurea sueca chega a Jaboticabal

Defensor da causa do cooperativismo, que prega a existência de empresas administradas democraticamente em nome de objetivos econômicos e sociais comuns, o engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues, professor do Departamento de Economia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da UNESP, câmpus de Jaboticabal, acaba de receber a láurea *Albin Johansson Medal in Gold*. Também chamado de medalha pela Paz, Cooperação e Liberdade, o prêmio é uma homenagem prestada pela Federação das Cooperativas Suecas a quem se destaca na área do cooperativismo. "Trata-se de um estímulo ao nosso trabalho rumo à integração de diferentes setores econômicos, sempre buscando a melhoria da qualidade de vida, principalmente no Terceiro Mundo", diz o docente, primeiro latino-americano a receber a honraria.

Doutor *Honoris Causa* pela UNESP, em 1998, e presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI), organização não-governamental, com sede em Genebra, que reúne cerca de 800 milhões de filiados em 230 organizações de 96 países, Rodrigues é membro permanente do Conselho Empresarial de Comércio Exterior, do Itamaraty, onde atua como representante do setor privado rural, e já recebeu, do Governo Federal, a medalha da Ordem do Rio Branco, no grau de Grande Oficial. "Quem está recebendo essas homenagens não sou eu, mas o cooperativismo, que defende a livre concorrência econômica e a preservação da dignidade humana", afirma.

Quem entra na UNESP
tem vaga garantida no Programa
Universitário do Banco Real.

ITAPEVA

* Sujeito a análise e aprovação de crédito.

Conheça o programa de vantagens que o Banco Real desenvolveu especialmente para você, universitário.

•Sem comprovação de renda.•6 meses de isenção nas principais tarifas. •Realmaster*, 10 dias por mês sem juros.
•Cartão Universitário ou Real Visa Múltiplo*.
•RealCap Universitário. •Seguro Real Vida Universitário.
•Crédito Parcelado* para compra de livros. E muito mais!

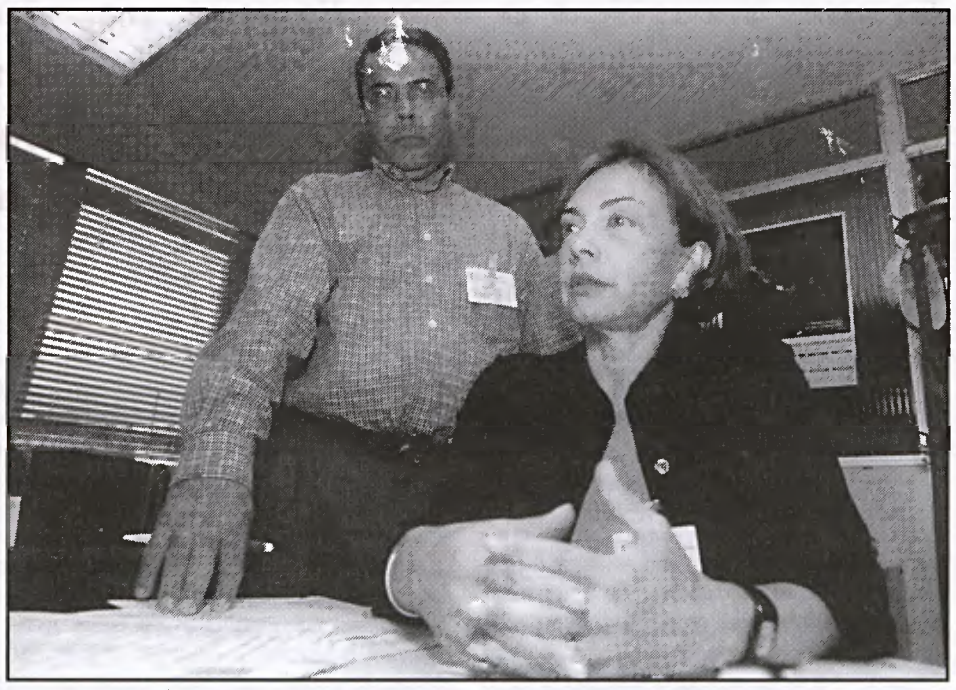
PROGRAMA Banco Real UNIVERSITÁRIO

Banco Real
www.bancoreal.com.br

CAMPANHA

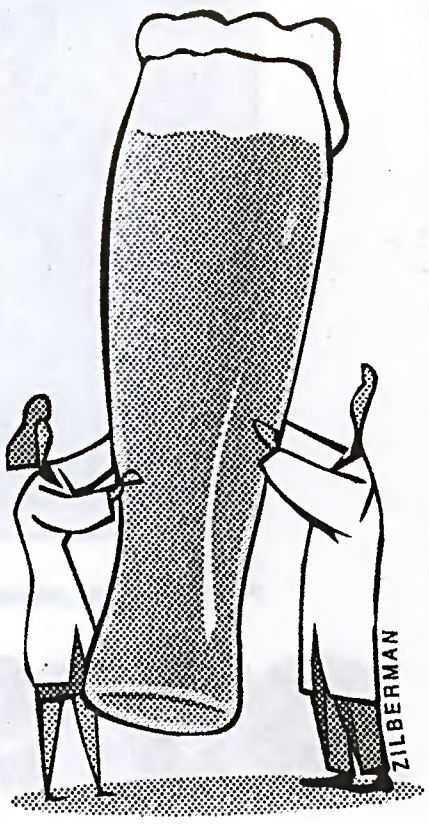
Uma boa idéia: alerta geral contra o álcool

Universidade promove, em todos os câmpus, *Dia de alerta ao uso nocivo de álcool*



Hélcio Toth

PREVENÇÃO
Mendes e Florence: incentivo a estilo de vida saudável, sem exageros



Trios elétricos, carrinhos de pipoca, palestras, panfletagem... vale tudo, quando a causa é nobre. No dia 17 de novembro, professores, alunos e funcionários de todos os câmpus da UNESP viverão um dia atípico. Nesta data, será promovido o *Dia de alerta ao uso nocivo de álcool*, idealizado e organizado pela psiquiatra Florence Kerr-Corrêa, do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu (FM), e pelo Conselho de Vice-Diretores da UNESP (Convidunesp), com a participação dos diretórios acadêmicos e Grupo de Apoio aos Estudantes. "O objetivo é alertar as pessoas sobre os problemas causados pelo excesso de bebida", explica Florence, que também é coordenadora do Programa de Álcool e de Drogas da UNESP. "Beber com moderação não faz mal. O que pretendemos é ensinar as pessoas a não beberem demais, evitando as conseqüências do uso nocivo do álcool."

Para atingir esse objetivo, no *Dia de alerta ao uso nocivo de álcool* serão distribuídos folhetos, panfletos e espalhados cartazes e faixas por todas as unidades. "Também pretendemos contratar trios elétricos e carrinhos de pipoca e distribuir questionários, para que todos respondam sobre seus hábitos de beber", revela Florence. "Além disso, haverá palestras sobre as conseqüências do uso exagerado do álcool em cada unidade ou câmpus." Essas conseqüências vão desde o comportamento social inadequado, os chamados "vexames", até a conduta criminosa. "Quem bebe além da conta pode provocar acidentes de trânsito, meter-se em brigas ou, a médio prazo, tornar-se uma pessoa amarga e solitária", alerta Florence.

PROBLEMA É ANTIGO

Na realidade, a preocupação da Universidade com o uso abusivo do álcool não é de agora. Segundo o médico veterinário Ariel Antonio Mendes, vice-diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), câmpus de Botucatu, e presidente do Convidunesp, de há muito esse problema vem chamando a atenção. "Viemos percebendo um sensível aumento no consumo de álcool, nos últimos anos, entre a comunidade unespiana", afirma. "E, como não havia nenhum programa sistemático de prevenção, com abordagem técnica e profissional, começamos a pesquisar e a elaborar programas e ações de alerta."

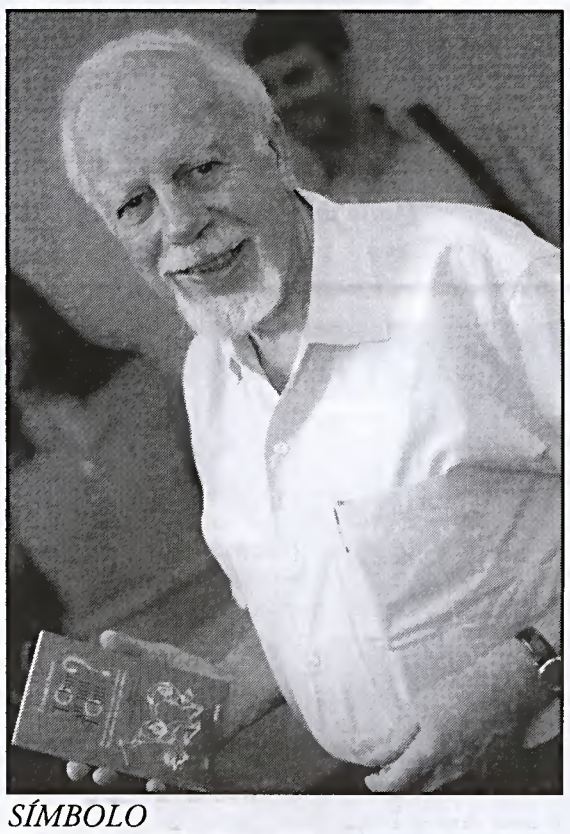
A face mais visível deste trabalho é uma pesquisa, coordenada pela psiquiatra Florence, na qual 11.382 alunos de graduação e nível técnico, ou 63,2% do total de alunos da UNESP, responderam a um questionário sobre seus hábitos de consumo de álcool e outras drogas (*o **Jornal da UNESP** publicou reportagem sobre o assunto na edição nº 136, de junho de 1999*). "Constatamos que, na média, 74,4% dos alunos haviam bebido regularmente no mês anterior à pesquisa", conta Florence. "Essa investigação serviu para desencadear várias ações de prevenção e, no ano que vem, deverá ser transformada em livro."

O *Dia de alerta* e todas as campanhas de prevenção estão, na verdade, dentro de um programa maior, chamado *Projeto Viver Bem 2000*. "É um projeto que vai muito além da prevenção ao uso nocivo de álcool", explica Florence. "Queremos conscientizar os alunos para que bebam com moderação e não usem drogas, para que tenhamos menos violência, trotes sem traumas ou constrangimentos e uma vida mais saudável." Mendes ressalva, ainda, que o objetivo não é passar uma idéia de repressão. "O que queremos é incentivar um estilo de vida melhor e mais saudável", explica. "Sem exageros e suas inevitáveis conseqüências."

DEBATE

Um outro futuro, além da globalização

Economista ataca liberalização financeira e defende ações democráticas



Hélcio Toth

SÍMBOLO
Chesnais: eqüidade social

Em 1978, o economista James Tobin, da Universidade de Yale, EUA, gerou uma polêmica mundial com a proposta, aparentemente maluca, de criar uma taxa sobre as transações especulativas do mercado de câmbio internacional. Vinte anos depois, a idéia, batizada como "Taxa Tobin", foi retomada, com a fundação, em Paris, da Ação pela Tributação das Transações Financeiras e Apoio ao Cidadãos (Attac). Em março deste ano, o movimento chegou ao Brasil e, em outubro último, a Editora UNESP, em parceria com a Attac, lançou *Tobin or not Tobin?: por que tributar o capital financeiro internacional em apoio aos cidadãos* (76 páginas; R$ 10,00), do economista francês François Chesnais, que esteve em São Paulo para debater a implantação da Taxa e para autografar a obra. "A defesa da Taxa Tobin é um símbolo. Mesmo que sua aplicação seja complexa, ela se insere nos objetivos de solidariedade e eqüidade social reinvidados pela social-democracia européia", disse o autor.

Professor associado de Economia Internacional da Universidade de Paris-Nord, em Villetaneuse, França, Chesnais destacou que a Attac, além de divulgar a Taxa Tobin, está hoje engajada no combate ao Acordo Multilateral de Investimentos (Ami), espécie de Declaração Internacional dos Direitos do Dinheiro, que estará em tramitação na Organização Mundial do Comércio, em reunião a ser realizada, em dezembro, em Seattle, EUA, em encontro que vem sendo chamado de "Rodada do Milênio". "A aprovação do Ami significa perda da autonomia das nações em legislar sobre direitos dos trabalhadores, salvaguarda do meio ambiente, defesa dos consumidores e matérias que possam ser interpretadas como objeção ao livre trânsito e lucro do capital financeiro especulativo", explicou o economista francês.

IMPACTO FINANCEIRO

Alguns dados mostram o impacto que a Taxa Tobin teria sobre o mercado financeiro. Em 1995, por exemplo, o montante anual do comércio mundial de mercadorias e serviços correspondeu a apenas três dias e meio de transações no mercado de câmbio, que, atualmente, movimenta, diariamente, US$ 1,5 trilhão. "A Taxa Tobin desempenharia a oportuna função de reduzir os lucros esperados em operações diárias e semanais", diz Chesnais. "Se ela fosse de 0,25%, por exemplo, arrecadaria cerca de US$ 3,75 bilhões; reduzindo a lucratividade das ações financeiras meramente especulativas."

Para o economista Jorge Matoso, da Unicamp, que participou do debate com Chesnais, realizado na Reitoria da UNESP, a Taxa Tobin tem importância educativa e conscientizadora em relação aos perigos da inserção brasileira na globalização. "Vivemos um quadro inédito, com índice de desemprego de 20% nas grandes cidades, enquanto 50% da população economicamente ativa está na informalidade", avaliou.

Chesnais, que participou de debates também na Faculdade de Direito da USP, em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, afirmou que seu livro é um ataque político à liberalização financeira e uma defesa da ação democrática. "É necessário que as pessoas acreditem que pode existir um outro futuro, que não o do mundo globalizado", declarou.

OS SANTOS DE CASA

Grupo investiga a sacralização popular de personagens como Menino Zezinho, Menina Izildinha e Padre Donizetti, todos com biografias misteriosas e sofridas

OSCAR D'AMBROSIO

Estabelecido no século X pela Igreja Católica, o dia de Finados, data em que são oferecidas preces e missas às almas dos mortos, é o dia de maior afluência aos cemitérios. Fiéis costumam homenagear parentes ou amigos e, principalmente nas cidades do interior, menos afetadas pelo corre-corre metropolitano, também visitam os túmulos de pessoas de carne e osso que ganharam, por realizar curas ou por levar uma vida piedosa e sofrida, o *status* de santo popular. "Parentes ou devotos constroem, por todo o Estado de São Paulo, santidades em torno de almas milagrosas. Seus túmulos, em Finados, ficam repletos de velas, bilhetinhos e oferendas", conta a historiadora Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta, que coordena um grupo de pesquisa que atua junto ao Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, câmpus de Franca.

Arquivo

Túmulo de Izildinha

Ligado à área de História da Igreja e Cultura Religiosa, o grupo investiga temáticas relacionadas a devoções e santidades populares na região nordeste do Estado de São Paulo, principalmente Franca, Ribeirão Preto, Monte Alto e Tambaú. "Atuamos desde 1995, estudando a trajetória de personagens como Maria Conceição, Menino Zezinho, Menina Izildinha e Padre Donizetti, que tiveram suas almas sacralizadas popularmente", explica o historiador Reinaldo dos Santos, que apresentará, no próximo ano, dissertação de mestrado sobre o Padre Donizetti Tavares de Lima, pároco por mais de 30 anos em Tambaú e um forte candidato brasileiro à beatificação (*veja quadro abaixo*).

DOIS MILAGRES, NO MÍNIMO

Os pesquisadores deixam claro que há grandes diferenças entre os santos aceitos pela Igreja e aqueles criados pela própria população. "O catolicismo estimula a devoção às várias configurações da Virgem Maria, como Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora de Lourdes, e aos santos oficiais, de origem européia, pela vida exemplar e pela comprovação de, no mínimo, dois milagres", diz Santos. "No entanto, a população identifica-se mais com devoções que ela mesma cria, como padres, crianças, mendigos ou jovens vítimas de crimes bárbaros, cultuadas como almas milagrosas nos cemitérios de quase todas as cidades brasileiras", completa a historiadora Maria de Lourdes dos Santos, que apresentou, em agosto último, a dissertação de mestrado *Corpo santo, alma santa*, sobre o culto e a devoção à Menina Izildinha, em Monte Alto.

Os objetos de devoção estudados pelo grupo tiveram seu auge na década de 1950. Para os historiadores, isso não é uma coincidência. "O desenvolvimento econômico do pós-Guerra levou a uma forte migração para as zonas urbanas. Chegando lá, as pessoas começavam a enfrentar condições adversas, como desemprego, péssima moradia e violência, e se refugiavam na devoção a santos populares, personagens com quem se identificavam no sofrimento e a quem dirigiam suas preces", analisa Alessandra Furtado, mestranda em História, que desenvolveu trabalho de iniciação científica sobre o culto a Maria Conceição de Barros, em Franca, e ao Menino Zezinho, em Ribeirão Preto.

O caso de Conceição, cultuada desde sua morte, em 1929, é emblemático, pois, como costuma ocorrer com os santos populares, sua biografia é cercada de mistério. "De acordo com o inquérito policial que estudou o caso, ela teria, aos 21 anos, cometido suicídio, grávida de três meses, ao não encontrar apoio da família do namorado francano, pai da criança. No entanto, a maioria da população acredita que, na verdade, a jovem foi morta, com um tiro no ventre, a mando de um importante fazendeiro da região, que não queria que o filho se casasse com 'moça de reputação duvidosa'", conta Alessandra. Conceição deixou uma carta, em que relata seu desespero. Foi o suficiente para que os devotos a considerassem uma mártir. "Passou de prostituta a santa. Ao sofrer, foi purificada. Por isso, o túmulo dela, no Cemitério da Saudade, em Franca, é procurado por mulheres que sofrem por amor."

CHUPETAS E BALAS

Se as mulheres infelizes no amor procuram, em Franca, Maria Conceição, em Ribeirão Preto crianças com problemas de saúde encontram conforto em Menino Zezinho. Ele morreu ao dez anos de idade, em 1948, vítima de uma doença não diagnosticada, provavelmente trombose. "No dia de Finados, a irmã e os dois irmãos do menino distribuem santinhos, mostrando como o menino era antes e depois da doença, que lhe provocou inchaço nas pernas, impedindo-o de caminhar. Crianças em cadeiras de rodas visitam o túmulo e deixam refrigerantes, chupetas e balas", conta Alessandra. "Como era carregado num carrinho de madeira, tornou-se conhecido na cidade, principalmente na região do Mercado Municipal. Criou-se assim uma piedade em torno dele. É visto como um cordeiro de Deus, que sofreu para nos ajudar", completa Santos.

Outra criança venerada é Maria Izilda Castro Ribeiro, a Menina Izildinha. Ela nasceu e morreu em Portugal, aos 13 anos, de leucemia, em 1911. O irmão dela trouxe o corpo para o Brasil, em 1950. "Ao fato de ela ter sofrido muito e de ter morrido jovem, somaram-se narrativas de que seu corpo não se havia decomposto", conta Maria de Lourdes. Por sete anos, os restos mortais da menina ficaram na Capital, no Cemitério São Paulo. Em 1958, o irmão transferiu sua fábrica de produtos enlatados para Monte Alto e levou o corpo para lá, depositando-o numa cripta embaixo de um mausoléu, em praça pública. "A empresa produzia extrato de tomate, ervilhas, papinha, marmelada e goiabada com as marcas Izilda e Izildinha, muito vendidas na época", conta Santos. "O mais curioso é que o túmulo, em São Paulo, mesmo vazio, está sempre repleto de flores, bonequinhos de bolo de casamento e véus de noiva", acrescenta Maria de Lourdes.

"Ele também gravou discos e suas missas reuniam milhares de fiéis. Um cartaz com sua imagem já vendeu mais de 1 milhão de reproduções, e um documentário sobre sua vida, exibido entre 1954-55 em salas de cinema da Capital, foi visto por mais de 4 milhões de pessoas. Há ainda encontros dele com pessoas famosas, além de registros, em cartório, de cerca de 700 milagres que ele teria realizado, principalmente curas de cegos e paralíticos".

Ao longo de suas investigações, os pesquisadores desenvolveram um método prático para encontrar santos populares. "Quando entramos no cemitério de um município, identificamos o túmulo de devoção local pelo maior número de flores e velas. Procuramos então saber de quem é e qual a sua história", conta Alessandra. "Verificamos ainda que, na religiosidade popular, não pesam tanto os serviços que a pessoa prestou à Igreja enquanto instituição, mas a comoção e a piedade popular que ela despertou, seja pela morte violenta ou sofrimento em vida. Os devotos se identificam e se refugiam nisso", conclui a pesquisadora Maria de Lourdes.

Fotos reproduções

SUCESSO
Padre Donizetti, no cartaz: mais de 1 milhão de reproduções vendidas

MÁRTIR
Conceição: morte em 1929 e biografia cercada de mistério

Um mutirão em Tambaú, pela beatificação de Donizetti

Repartições públicas têm que ter uma foto do padre

O caso do Padre Donizetti, estudado pelo historiador Reinaldo dos Santos, é o que mostra melhor as relações entre um processo de santidade e a política. "Tambaú deseja ser transformada em estância turística de caráter religioso e, para que isso ocorra, transformar o reverendo em santo é essencial. Isso trará grandes benefícios econômicos à cidade, pois significa que todos os tributos repassados pelo município ao Estado voltam integralmente à cidade", conta o pesquisador.

A única cidade com esse *status*, no Estado, é Aparecida, graças ao culto a Nossa Senhora, padroeira do Brasil. "Na década de 50, quando o padre estava vivo, Tambaú viveu seu auge de romarias. A cidade era conhecida como a Aparecida do Sul, rivalizando com a outra, conhecida, a partir de então, como do Norte", afirma Santos. "Hoje, a cidade se engajou a tal ponto no processo de beatificação, que todas as repartições públicas são obrigadas a ter uma foto do padre."

Hélvio Toth

INVESTIGAÇÃO
Maria de Lourdes, Alessandra e Santos: piedade popular

NEGÓCIOS
Rótulo das "Ervilhas Izildinha": criança venerada

O primeiro brasileiro no Céu, talvez no ano 2000

Papa faria o anúncio para celebrar os 500 anos do Descobrimento

Ser santo não é fácil. Embora o Brasil conte hoje com 120 milhões do 1,1 bilhão do rebanho católico mundial, nenhum cristão com passagem pelo Brasil atingiu esse *status*. Os mais próximos de receber o título são o espanhol José de Anchieta, a italiana Madre Paulina e o paulista frei Galvão, que receberam, em 1980, 1991 e 1998, respectivamente, o título de beatos, último passo antes de serem canonizados. "Atingir a santidade é um processo muito caro e demorado. Envolve entre US$ 30 mil e US$ 300 mil e dura no mínimo dez anos", conta o historiador Reinaldo dos Santos, mestrando na FHDSS da UNESP, câmpus de Franca. De acordo com ele, corre nos bastidores do Vaticano, onde fica a Congregação da Causa dos Santos, que julga os processos de canonização, que o Papa deve anunciar o primeiro santo brasileiro no próximo ano, para celebrar os 500 anos do Brasil.

O processo é complexo. Primeiro, os bispos da arquidiocese onde o candidato a santo morreu dão seu aval para abrir o processo de canonização. Enviam, então, a solicitação ao Vaticano, que forma um Tribunal Eclesiástico. Se nada consta contra o postulante, ele passa a ser um servo de Deus. "Hoje, o Brasil tem 32 candidatos nesse estágio. O padre Cícero, por exemplo, foi rejeitado pelo Vaticano, pois, após ter transformado hóstias em sangue na boca de pessoas que comungavam, passou a ser adorado como santo no Nordeste. Essa idolatria antes do processo de canonização foi malvista pela Igreja", esclarece o historiador.

Vencida a primeira etapa, são avaliadas onze virtudes (fé, esperança, caridade, prudência, justiça, fortaleza, temperança, pobreza, castidade, obediência e humildade). São ainda ouvidos e lidos testemunhos, analisados documentos, como certidões de nascimento e óbito, e a exumação do corpo é pedida para comprovar que a pessoa existiu. "Se reconhecidas as virtudes ou o martírio em nome da fé católica, o candidato torna-se um venerável", explica Maria de Lourdes dos Santos, mestre pela FHDSS.

Passa-se então à comprovação do primeiro milagre. Se for uma cura, ela deve ser instantânea, perfeita e sem explicação científica. Quando isso acontece, o candidato vira beato, podendo ser cultuado no país em que morreu. "Falta então reconhecer um segundo milagre, para que a pessoa seja santificada, podendo ser cultuada em todas as igrejas do mundo", conclui Santos.

Tonico, Donizetti e Tinoco: devotos

Em nome do pai e do santo

O goleiro Zetti e a cantora Zizi Possi devem seus nomes a santos populares

Entre os candidatos brasileiros a santo, o padre Donizetti seria, para o historiador Santos, o mais popular, já que 2,5 milhões de brasileiros têm esse nome, sendo o quarto mais comum no País, perdendo apenas para os tradicionais João, José e Maria Aparecida. Entre os Donizetti célebres, um dos mais famosos é Armelino Donizetti Quagliato, o Zetti, goleiro do Santos F. C. "Conta-se ainda que, em sua campanha para presidente, Jânio Quadros esteve em Tambaú e pediu a bênção do padre. Prometeu voltar, após eleito. Como não cumpriu a promessa, renunciou", conta Reinaldo dos Santos. "A dupla sertaneja Tonico e Tinoco também era devota do padre. Há ainda o caso do jornalista Joelmir Betting, que atribui a uma sopa de quiabo que tomou com o padre a cura de sua gagueira."

A historiadora Maria de Lourdes lembra que, nos anos 1950, com a propagação da fama da Menina Izildinha, também aumentou muito o número de Izildas no Brasil. "O caso mais famoso é o da cantora Zizi Possi, na verdade Maria Izildinha Possi, que deve o nome à mãe, devota da menina enterrada em Monte Alto", diz. "Essa devoção, porém, não é sempre espontânea. Foi comprovado que a família da jovem doava enxovais às meninas batizadas Izilda e abria cadernetas de poupança para os que recebiam o nome Izildo."

LANÇAMENTOS DE DOCENTES

Estante enriquecida

As transformações da educação, a ética e a ciência, os avanços da geografia e a violência no trote, em cinco publicações

EDUCAÇÃO

Entre a emoção e a objetividade

Pesquisar as transformações da educação brasileira exige a capacidade de entrelaçar ampla visão histórica, política e educacional. Dois livros recém-lançados por docentes da UNESP mostram a dificuldade de desenvolver pesquisas que, embora circunscritas ao ambiente paulista, articulam-se ao contexto mais amplo da história intelectual da sociedade brasileira. *História da educação brasileira: formação do campo*, organizado pelo educador Carlos Monarcha, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, reúne seis textos de conceituados pesquisadores brasileiros na área de educação, como o ex-reitor da UNESP Jorge Nagle e a educadora Leonor Maria Tanuri, assessora técnica da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd). "Marcados pela tensão entre a emoção contida e a objetividade acadêmica, os autores contam a evolução de suas carreiras, paralelas à criação e à expansão dos programas de pós-graduação em educação no País", diz o organizador da coletânea.

Carlos Monarcha também está publicando *A Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*, versão em livro de sua tese de doutorado. A obra trata de um dos templos da educação paulista: a Escola Normal de São Paulo. Fundada em 1846, junto à catedral da Sé, foi fechada e reaberta duas outras vezes até ocupar, em 1894, seu endereço definitivo. "Analisei artigos de jornal, fotografias, documentos, memórias, biografias, redações e hinos escolares para estudar melhor a transição que a Escola Normal viveu, principalmente na passagem da Monarquia para a República", explica o docente.

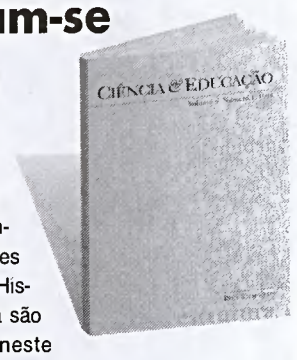
Museu Paulista

CARTÃO POSTAL
A Escola Normal, na Praça da República, por volta de 1933

História da Educação Brasileira: formação do campo – Carlos Monarcha (organizador); Editora Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí; 168 páginas. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*, de Carlos Monarcha; Editora da Unicamp; 380 páginas; R$ 21,00.

CIÊNCIA

Aceitam-se idéias



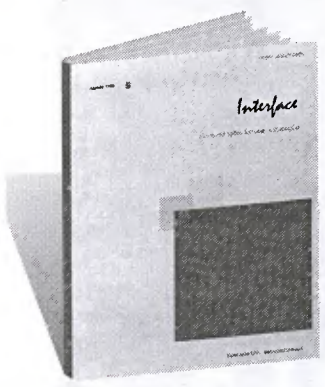
Algumas das complexas conexões entre Ciência, História e Filosofia são investigadas neste volume. Os artigos reunidos enfocam, por exemplo, o debate ético sobre o uso da biotecnologia que caracteriza este final de século. Outro tema importante é a discussão sobre a validade das fontes orais para trabalhos históricos. Tradicionalmente consideradas menos seletivas e mais tendenciosas que as escritas, estão sendo cada vez mais usadas para reconstruir a história das classes sociais menos abastadas e de manifestações folclóricas e populares. "Nosso objetivo é abrir espaço para que docentes e pesquisadores em ensino de ciências e áreas afins divulguem suas pesquisas e idéias", diz o educador Roberto Nardi, editor da revista e coordenador da Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru.

Ciência & Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da UNESP, câmpus de Bauru; Escrituras Editora; Volume 5, número 1; 101 páginas. Assinatura anual (dois números, em julho e dezembro): R$ 20,00 (instituições); R$ 15,00 (docentes de ensino superior); e R$ 10,00 (docentes de ensino fundamental e médio e alunos de graduação e pós-graduação). Informações: (0xx14) 221-6077.

TROTE

O fantasma da violência

Com o encerramento do período de inscrições para os vestibulares, um fantasma começa a rondar o mundo universitário: o do trote violento. Para combater essa prática, que resultou, em fevereiro último, na morte de um estudante da Faculdade de Medicina da USP, o número 5 da revista semestral *Interface* traz um amplo debate sobre o tema. Doze pesquisadores e estudantes discutem, ao longo de 60 páginas, as relações entre tradição, trote e violência. "Talvez seja este o momento adequado para se dar força à corrente defensora dos direitos de cidadania, proibindo de forma efetiva o trote e organizando uma boa recepção aos calouros", conclui o médico Luiz Carlos Giarola, professor do Departamento de Saúde Pública da FM, que participa da publicação com o artigo "Trote na universidade".



Reprodução

CIDADANIA
Esboços para escultura exposta no edifício das Nações Unidas, em Nova York

Interface – Comunicação, Saúde e Educação; Coordenadoria de Comunicação da Fundação UNI – Botucatu e das disciplinas pedagógicas da Pós-Graduação da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, câmpus de Botucatu; assinatura anual individual (R$ 25,00, para o Brasil; US$ 39,00, para o Exterior) e institucional (R$ 35,00, para o Brasil; US$ 49,00, para o Exterior). Informações: (0xx14) 820-6232.

ODONTOLOGIA

A mente quieta, a espinha ereta

À medida que o trabalho se torna cada vez mais dependente da técnica, o número de doenças ocupacionais aumenta. A situação é particularmente grave no caso do cirurgião-dentista, que costuma sofrer problemas de postura, estresse e sedentarismo. Nesta obra, os odontólogos Roberto Luiz Tagliviani e Wilson Roberto Poi, do Departamento de Cirurgia e Clínica Integrada da Faculdade de Odontologia da UNESP, câmpus de Araçatuba, mostram os principais males a que os dentistas estão sujeitos e indica exercícios de alongamento que podem ser realizados no próprio consultório. "Queremos conscientizar os profissionais sobre a necessidade da prevenção de doenças ocupacionais, objetivando prolongar sua qualidade de vida", diz Poi.

Prevenção de Doenças Ocupacionais em Odontologia: uma proposta para a redução do estresse ocupacional e reeducação corporal através de exercícios de alongamento, de Roberto Luiz Tagliavini e Wilson Roberto Poi. Livraria Santos Editora; 108 páginas; R$ 20,00.

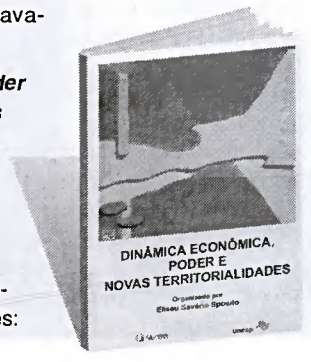
GEOGRAFIA

Muito além dos mapas

O geógrafo não trata apenas da feitura de mapas, atividade em que a tecnologia oferece, hoje, amplos recursos. Cresce, dia a dia, a importância do estudo das relações entre a ocupação do espaço urbano, a ideologia e as dinâmicas econômicas e formas de produção. Esses temas foram objeto de atenção durante o III Seminário sobre o Pensamento Geográfico, realizado em Presidente Prudente, em 1997. As conferências então apresentadas foram reunidas neste volume, organizado pelo geógrafo Eliseu Savério Sposito, professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, câmpus de Presidente Prudente, e coordenador do Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR). A obra inclui estudos sobre mudanças urbanas na cidade de São Paulo e em Curitiba. "O volume traz contribuições atualizadas e com profundas preocupações teóricas", avalia o organizador.

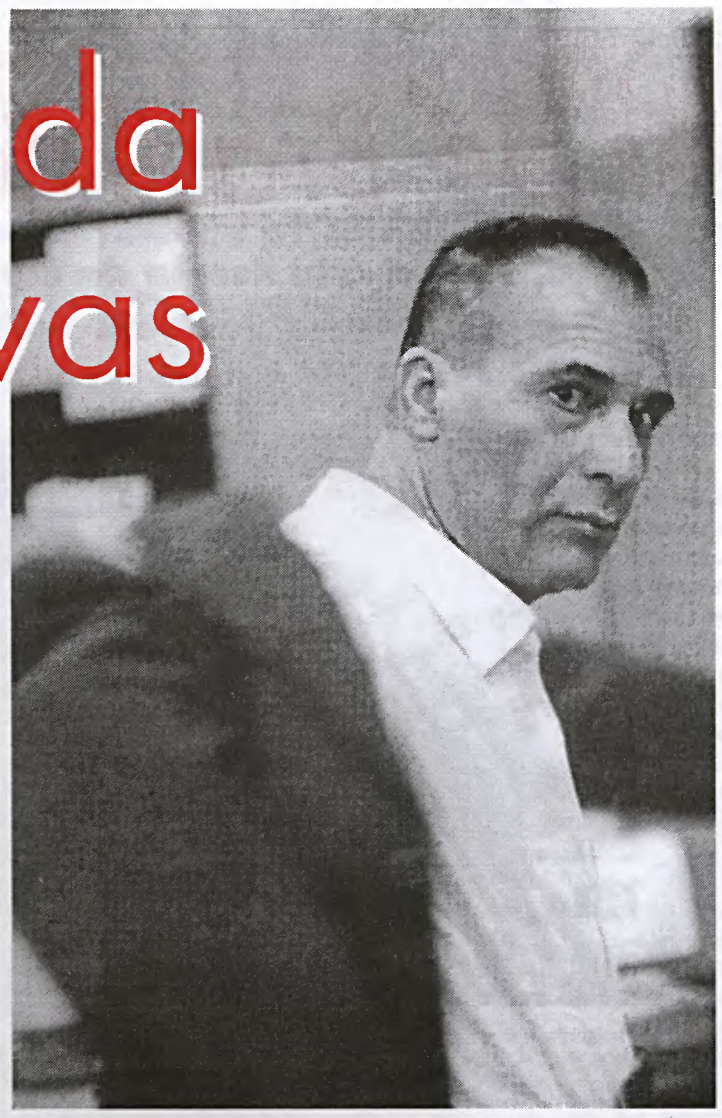
Folan

Dinâmica Econômica, Poder e Novas Territorialidades – Organização de Eliseu Savério Sposito; Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP e GAsPERR, câmpus de Presidente Prudente; 152 páginas; R$ 15,00. Informações: sposito@prudenet.com.br



Emboscada nas trevas

Reunindo textos de Florestan Fernandes, Antonio Candido e Frei Betto, entre outros, obra mapeia trajetória de Carlos Marighella, 30 anos após o seu assassinato



Bráz Bezerra/Jornal do Brasil

PERFIL
Marighella: pensamento e trajetória política

OSCAR D'AMBROSIO

Na noite de 4 de novembro de 1969, policiais liderados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury emboscaram Carlos Marighella, considerado então o inimigo número um do Estado pelos grupos encarregados da repressão, e o assassinaram na Alameda Casa Branca, na capital paulista. Trinta anos depois, os historiadores Cristiane Nova e Jorge Nóvoa organizaram o livro *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*, coletânea de artigos, ensaios, depoimentos e entrevistas de pesquisadores, amigos e companheiros de Marighella, além de textos do próprio militante de esquerda.

As quatro partes do livro oferecem um amplo painel da vida e do pensamento do líder comunista e da guerrilha urbana no Brasil, no final dos anos 60. É enfatizado que, apesar de o Partido Comunista Brasileiro ter sido contrário à luta armada como forma de combater a ditadura, o endurecimento do regime militar levou vários militantes a se afastar da posição oficial do principal partido da esquerda brasileira e a pegar em armas.

Um dos primeiros a romper com a determinação do PCB foi justamente Marighella. Militante da esquerda, participara da Intentona Comunista de 1935. Em 1967, aos 56 anos, fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN) e partiu para a luta armada. O livro mostra como matar Marighella, em fins de 1969, era uma questão de honra para os encarregados da repressão. Emboscado, foi crivado de balas, embora, segundo a versão oficial, tenha morrido ao tentar "resistir à prisão". Terminava assim a vida do filho de uma negra baiana com um mecânico italiano ateu e anarquista que escreveu uma das principais páginas da guerrilha urbana no Brasil.

O livro tem como ponto de partida o seminário "O pensamento político de Marighella", organizado por Jorge Nóvoa, em 1994, realizado para lembrar o 25º ano da morte do líder, na Universidade Federal da Bahia. Do evento participaram, entre outros, o sociólogo Florestan Fernandes, o crítico literário Antonio Candido e Clara Charf, companheira de Marighella entre 1948 e 1969. O escritor Jorge Amado forneceu um depoimento gravado em vídeo.

O material obtido naquele momento foi editado e ampliado na presente obra, que permite entender melhor o pensamento, a trajetória política e o lado humano de um homem que, preso e torturado pelo Estado Novo, tornou-se deputado federal pelo PCB na Constituinte de 1946, foi ferido ao resistir à prisão após o golpe de 1964 e liderou a guerrilha para combater a ditadura, que o eliminou em 1969.

Nesse percurso, além de uma atuação política constante, escreveu textos e poemas. Em um deles, "Rondó da liberdade", diz: "É preciso não ter medo,/ é preciso ter a coragem de dizer", versos que ilustram a vida de um homem que lutou sempre pelos ideais em que acreditava e pagou com a vida essa ousadia.

Carlos Marighella: o homem por trás do mito – Cristiane Nova e Jorge Nóvoa (organizadores); Editora UNESP; 560 páginas; R$ 38,00.

Revolução passiva e democracia

Historiador analisa as experiências político-governamentais da Frente Popular no Chile

JOSÉ ANTONIO SEGATTO

Num quadro como o atual, marcado por avassaladora ofensiva privatizante, a apologia do "livre-mercado", as tentativas de desqualificação da intervenção estatal e as justificativas para a subtração de direitos (civis, sociais e políticos) duramente conquistados tornaram-se norma, não só na mídia, mas também nos meios acadêmicos.

Contrapondo-se a esta tendência, muitos intelectuais têm-se dedicado a produzir explicações para desmitificar esta vasta operação político-ideológica, desencadeada nas duas últimas décadas pelas forças neoliberais. Alguns, elaborando análises que procuram reconstituir o papel do Estado no desenvolvimento e modernização capitalista, o processo de criação de instituições democráticas e conquista dos direitos de cidadania, têm lançado luzes sobre o debate e o embate de concepções e posições neste momento adverso.

Importante, neste sentido, é a leitura deste segundo livro de Alberto Aggio, *Frente popular, radicalismo e revolução passiva no Chile*, sobre o processo histórico chileno contemporâneo – o primeiro, *Democracia e socialismo* (Editora da UNESP; 1993), tratou do governo de Unidade Popular de Salvador Allende (1970-73) e da alternativa de uma via pacífica para o socialismo na América Latina.

Aqui, o autor retoma a história chilena procurando compreender as experiências político-governamentais da Frente Popular (1938-1952) sob a direção do Partido Radical. A vitória da Frente Popular no Chile "assume, de fato, uma significação histórico-universal". Foi, juntamente com a França e a Espanha, caso único na América Latina a vivenciar o sucesso eleitoral e de governo da política da Frente Popular, posta em prática pela Internacional Comunista desde meados dos anos trinta. Tendo por base a unidade de forças diversas (radicais, comunistas, socialistas), visava, com um programa amplo e democrático, fazer frente e barrar o ascenso do nazi-fascismo e/ou de projetos autoritários.

A Frente Popular, vitoriosa em 1938, implementou um projeto de desenvolvimento do capitalismo, combinando intervenção estatal, democracia política e integração social. Isso possibilitou a execução de uma política desenvolvimentista e de modernização dirigida pelo Estado. Com um projeto moderado e pragmático, "conseguiu operar e conduzir o processo de continuidade da superação da forma política oligárquica". Construiu um "Estado" moderno no Chile, garantindo uma relativa estabilidade do sistema político.

Historiador da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca, Aggio lança mão da categoria, elaborada por Antonio Gramsci, de *revolução passiva* como sendo fundamental para a compreensão do processo histórico chileno a partir de finais dos anos trinta. Trabalha com a hipótese de uma modalidade específica de revolução passiva no trânsito do Chile para um país moderno. Um processo que representa muito mais continuidade do que ruptura.

Se os governos radicais não obstaculizaram "a manifestação e defesa dos interesses das camadas subaltemas", absorvendo demandas e reivindicações e promovendo a integração social, os direitos de cidadania continuaram restringidos pela não extensão da sindicalização ao campo e pela não ampliação do eleitorado (vetados pela direita). O que houve foi uma inserção seletiva dos setores dominados à ordem e à institucionalização dos conflitos de classe. A participação dos partidos Comunista e Socialista na Frente Popular não só permitiu que atuassem como protagonistas importantes no cenário político chileno como "conseguiu assegurar o seu papel de representante dos trabalhadores organizados", aumentando "suas bases e seu prestígio".

Deve-se levar em conta, na leitura deste livro, que a análise daquela experiência pode ser útil não somente para o conhecimento histórico, mas pode fornecer elementos e subsídios para se pensar a política num momento em que a esquerda procura rumos e alternativas para fazer frente à brutal ofensiva do capital e das forças antidemocráticas.

Frente Popular, Radicalismo e Revolução Passiva no Chile, de Alberto Aggio. Editora Annablume/Fapesp; 231 págs.; R$ 20,00.

José Antonio Segatto é professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara.

MERCADO LIVREIRO

Raízes do Brasil não são mandiocas

Editora cria Escola do Livro, para que o clássico de Sérgio Buarque de Hollanda não seja confundido com o tubérculo comestível

Uma aula inaugural, ministrada pelo bibliófilo e empresário José Mindlin, no dia 27 de outubro último, deu início oficial às atividades da Escola do Livro, criada por meio de uma parceria entre a Fundação Editora da UNESP (FEU) e a Câmara Brasileira do Livro (CBL), que pretende formar profissionais para o mercado livreiro. "Um de nossos principais objetivos é a formação de especialistas nas áreas de edição, divulgação e venda de livros", explica Maria Apparecida Faria Marcondes Bussolotti, superintendente de Cursos e Formação da FEU e coordenadora da Escola do Livro. Como "especialistas", Maria Apparecida entende pessoas capacitadas a enfrentar os novos desafios de um mercado cada dia mais competitivo. "Vamos oferecer formação, treinamento e reciclagem, tanto para quem está no mercado como para quem está interessado em ingressar na área."

Em sua palestra, Mindlin deu boas-vindas à Escola, que, segundo ele, chega em boa hora para evitar cenas constrangedoras em livrarias brasileiras. "Tomara ela evite, por exemplo, que alguém que queira comprar *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, ou *Flores do Mal*, de Baudelaire, seja encaminhado à seção de Culinária ou Botânica", observou. "De maneira geral, nossos atendentes são despreparados para ajudar um potencial leitor que não sabe ao certo o que procura." Mindlin, amante dos livros e freqüentador contumaz de livrarias, vê com alegria a parceria da FEU e da CBL. "Apesar da importância que tem, o livro ainda é tratado com amadorismo entre nós", queixou-se. "E essa iniciativa promete corrigir isso."

De fato, a Escola do Livro tem metas ambiciosas. "O objetivo é reciclar profissionais para a indústria e o mercado do livro", explica o diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP, José Castilho Marques Neto. "Nossos cursos não serão apenas acadêmicos, mas vinculados ao dia-a-dia do setor livreiro". Os dois primeiros cursos já estão com data marcada para acontecer. *Marketing e negócios na Internet: uma experiência prática*, o primeiro, no dia 11 de novembro, entre 9h e 18h. O segundo, *Revisão: o trabalho com textos*, será ministrado entre os dias 22 e 26 de novembro.

Fotos Hélcio Toth

CERIMÔNIA **Mindlin (*foto maior*): fim do amadorismo**

TRÊS PROGRAMAS

De acordo com Castilho, a Escola do Livro oferecerá cursos de formação continuada para alunos do ensino médio ou graduados de terceiro grau, cursos de atualização dirigidos à formação ou reciclagem e seminários temáticos voltados ao treinamento e atualização dos profissionais do setor. "Agrupamos estes três tipos de programa em módulos de ensino, por meio de um sistema de acumulação de créditos, o que permite ao aluno a montagem de um currículo que atenda às suas necessidades profissionais", explica. "Os programas têm duração máxima de três semestres, não necessariamente consecutivos, e dão direito a certificado, fornecido pela Pró-Reitoria de Extensão da UNESP."

Para o presidente da Câmara Brasileira do Livro, Raul Wassermann, a parceria com a FEU reafirma a missão da associação que dirige. "Nossa escola do livro, cujo nome foi agora adotado por esse projeto conjunto, sempre teve como finalidade desenvolver o hábito da leitura e fazer crescer o mercado do livro", diz. "É a profissionalização da formação das pessoas que trabalham com livros, sejam editores, revisores ou vendedores."

Para o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, presente à cerimônia de abertura, a Escola do Livro finaliza um projeto de modernização e consolidação da FEU. "A Fundação Editora da UNESP é um marco em nossa universidade", declarou. "Ela dá visibilidade à Universidade." Depois, brincou: "Dá tanta visibilidade, que às vezes tenho que declarar que a UNESP não é só a Editora UNESP."

SERVIÇO

Fundação Editora da UNESP
Praça da Sé, 108, 6º andar
01001-900 – São Paulo
Tel. (0xx11) 232-9555
Fax. (0xx11) 232-9613
e-mail:
escoladolivro@editora.unesp.br

Câmara Brasileira do Livro
Av. Ipiranga, 1.269, 10º andar
01039-907 – São Paulo
Tel. (0xx11) 3315-8277
Fax. (0xx11) 229-7463 e-mail:
cbi@cbi.org.br
site: www.cbl-net.com.br

ACERVO

Porta-jóias

Legado de João Antônio, com 148 caixas e 7 mil livros, é doado à UNESP

Fotos Acervo João Antônio

TESOURO **João Antônio: obra e objetos preservados**

Incomparável em seu retrato do universo dos malandros, jogadores de sinuca, crianças abandonadas e prostitutas, o jornalista e escritor João Antônio ganhou destaque nacional com a publicação, em 1963, de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, livro de estréia que lhe rendeu dois prêmios Jabuti, o de revelação e o de melhor livro de contos. Falecido em 1996, João Antônio deixou documentos, objetos e textos inéditos. Daniel Pedro de Andrade Ferreira, filho do escritor, atualmente morando nos EUA, está mantendo contatos com a Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis, para ceder oficialmente o acervo à unidade pelo período de dez anos. "O legado, que se encontra em fase de organização, é riquíssimo", diz Benedito Antunes, supervisor do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap), unidade auxiliar da FCL, que abrigará o material.

Reunido sob o nome *Acervo João Antônio*, o legado inclui uma biblioteca de 7 mil livros, correspondência, originais de todos os seus livros e artigos, 383 discos, a maioria fora de catálogo, uma hemeroteca, na qual o escritor coletou praticamente tudo o que saiu em revistas e jornais a seu respeito, e móveis, como a escrivaninha onde produziu boa parte de sua obra. "Esse material todo está intrinsecamente ligado à cultura brasileira dos últimos 30 anos", afirma Antunes.

O acervo está na FCL, desde dezembro de 1997, principalmente graças ao esforço da professora Tania Celestino de Macêdo, do Departamento de Literatura. "Foi ela que entrou em contato com a viúva e com o filho de João Antônio e conseguiu trazer as 148 caixas de papelão que continham todo o material", conta Antunes. "O conjunto está sendo objeto de estudo de quatro mestrados e de dois projetos de iniciação científica, que contribuem para a sua organização", diz Tania.

Incêndio destrói primeira obra

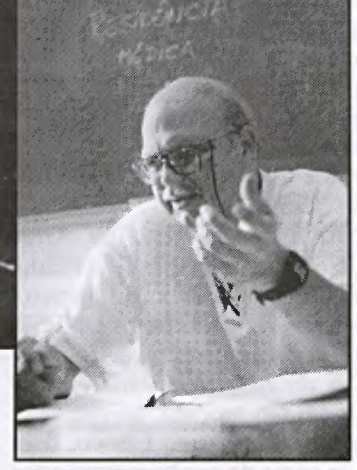
Dois anos depois, o autor a reescreve e ganha fama nacional

Filho de um português e de uma mestiça carioca, João Antônio nasceu em São Paulo, em 1937. Trabalhou como *office-boy* e bancário. No final dos anos 1950, ganhou diversos concursos de contos. Em agosto de 1960, um incêndio atingiu a casa em que morava, no Jaguaré, queimando os originais do que viria a ser seu primeiro e mais célebre livro, *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Dois anos depois, graças à ajuda do crítico literário Mário da Silva Brito, consegue autorização para usar uma cabina na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, onde reescreve a obra, publicada em 1963. Na segunda metade dos anos 60, escreve reportagens e crônicas para o *Jornal do Brasil* e as revistas *Realidade* e *Manchete*. É dele a expressão "imprensa nanica", para designar as publicações alternativas dos anos 60, como o *Pasquim*. Foi encontrado morto, em seu apartamento, em Copacabana, em 31 de outubro de 1996.

Boas novas ao trabalhador

Comissão cria nova Lista de Doenças Profissionais, que passa a incluir as lesões por esforço repetitivo e os distúrbios psicológicos e mentais

Fotos Monica Richter



Hélcio Toth

LEGISLAÇÃO
Doenças relacionadas ao trabalho: nova lei desde 1º de setembro

Todos os anos são registrados cerca de 30 mil casos de doenças do trabalho no Brasil. Embora significativo, o número representa apenas 5% dos casos oficiais verificados nos Estados Unidos, onde essa cifra chega a 600 mil. Que não se pense, no entanto, que essa diferença se deva a uma repentina melhoria nas condições de trabalho no Brasil. Ela é, antes, o retrato de um crônico problema brasileiro: a precariedade das estatísticas ou a pura e simples inexistência delas. "Esses números são tão baixos por aqui porque as doenças do trabalho ou não são diagnosticadas corretamente ou, quando o são, não são registradas como tal", explica o médico Ildeberto Muniz de Almeida, do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina da UNESP, câmpus de Botucatu.

De acordo com Almeida, o despreparo dos médicos para elaborar diagnósticos de doenças profissionais é uma das razões para essas distorções nas estatísticas. Além disso, até há pouco não existia uma lista de doenças reconhecidas como ocupacionais pela Previdência Social. Foi justamente com o objetivo de diminuir esses problemas e cumprir a atribuição que lhe foi conferida pela Lei do Sistema Único de Saúde (SUS) que o Ministério da Saúde criou, em 1998, uma comissão de especialistas em Medicina do Trabalho, entre os quais Almeida, para elaborar uma nova Lista de Doenças Profissionais.

Até então, o que havia na legislação era muito pouco. Na lei constava uma lista de 27 agentes químicos, físicos, biológicos e outros, reconhecidos pelo Ministério da Previdência e Assistência Social como causadores de doenças. Não havia, no entanto, uma definição clara dos efeitos ou das doenças que uma pessoa poderia sofrer devido à exposição a esses agentes, durante seu trabalho. "Isso gerava conflitos entre os médicos do trabalho, consultados pelos trabalhadores, e os peritos da Previdência", diz Almeida. "Enquanto os primeiros baseiam-se na evolução do conhecimento e no que é aceito, cientificamente, por seus pares, o perito apega-se a normas burocráticas."

Segundo os especialistas, a ausência dos nomes das doenças na legislação era causa ainda de controvérsias e conflitos entre os segurados e o SUS, de um lado, e a Previdência Social, de outro. "Daí a importância da lista elaborada pela comissão", explica Almeida. "Ela ficou pronta no início deste ano e está em vigor desde 1º de setembro último."

"DUPLA ENTRADA"

De acordo com outro especialista em Medicina do Trabalho, René Mendes, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e membro da comissão de especialistas que elaborou a nova "Lista de Doenças Relacionadas com o Trabalho", foi escolhida como ponto de partida a própria lista de agentes patogênicos adotada até então pela Previdência Social. Além disso, foi incluído um 28º grupo de doenças, o das doenças mentais. "Para isso, nos baseamos nas listas ou relações adotadas por outros países, principalmente a França", conta Mendes. "Completamos o trabalho com consultas à literatura especializada mais atual."

Desse esforço resultou a elaboração de duas listas que, para os especialistas, é apenas uma, chamada de "dupla entrada". Na primeira, a dos 27 agentes patogênicos relacionados na legislação anterior, os especialistas relacionam cerca de 200 doenças causadas por eles. O resultado desta etapa do trabalho é a "Lista A", que é uma tabela de entrada por agentes – isto é, para cada agente patogênico relacionaram-se as doenças causadas por ele. Depois, foi elaborada a lista de doenças propriamente ditas. Para cada doença citada na "Lista A", foram identificados seus agentes causadores ou fatores de risco de natureza ocupacional. Assim, chegou-se à "Lista B".

Para se compreender a importância desta lista de "dupla entrada" é preciso saber que, para um trabalhador ser reconhecido como portador de uma doença ocupacional, ele precisa ser examinado por, pelo menos, dois médicos: o clínico ou do trabalho, e o perito da Previdência. Antes dessa lista, os médicos tinham mais dificuldades de diagnosticar se uma determinada doença era ou não de origem ocupacional. A nova lista tornou mais fácil esse trabalho.

Grosso modo, funciona assim: o médico do trabalho constata que o paciente tem, digamos, uma conjuntivite. No seu interrogatório, para determinar se a doença é de origem ocupacional ou não, descobre que o paciente trabalha, há muito tempo, por exemplo, numa indústria de preparação e emprego de tintas e que, portanto, está exposto ao arsênio e seus compostos. Consulta a "Lista A" e verifica que a exposição ao arsênio pode causar conjuntivite. O perito da Previdência percorre o caminho inverso. Diagnostica a conjuntivite e vai à "Lista B": constata que essa doença pode ter como causa, entre várias outras, a exposição ao arsênio. Questiona o paciente e descobre que, em seu trabalho, expõe-se a esse agente patogênico. O círculo se fecha: a conjuntivite, nesse caso, é ocupacional.

A adoção destas listas, na avaliação de Almeida e de Mendes, representa um salto de qualidade conceitual e operacional, no que se refere à possibilidade do correto diagnóstico das doenças do trabalho, pelo Sistema Único de Saúde. "Será difícil, daqui para a frente, uma doença do trabalho não ser reconhecida como tal", acredita Almeida. "Com isso, provavelmente, as estatísticas serão mais fiéis à realidade."

Evanildo da Silveira

Nova lista amplia benefícios

Os digitadores, por exemplo, vítimas das tendinites, agora têm proteção

Além da inexistência dos nomes das doenças na lista anterior da Previdência Social, havia uma outra lacuna importante. As Doenças Osteoarticulares Relacionadas a Trabalho, DORT – ou, como são mais conhecidas, Lesões por Esforço Repetitivo, LER –, não estavam incluídas na lista de doenças profissionais reconhecidas pela Previdência Social. É o caso das tendinites, que atacam digitadores. O mesmo detalhamento foi feito também para os distúrbios psicológicos ou mentais.

De acordo com o médico Ildeberto Muniz de Almeida, as LER reconhecidas na nova lista diferem pouco da versão que estava em vigor. "A diferença é que procuramos detalhar essas doenças, que antes eram contempladas genericamente na norma da Previdência", explica. "Assim, citamos algumas tendinites específicas e também algumas patologias caracterizadas por compressões de nervos, que não apareciam na norma previdenciária que estava em vigor."

A segunda diferença refere-se a uma ampliação na lista proposta. Após consulta a especialistas da área de Saúde Mental, a comissão incluiu na lista doenças ou quadros específicos cujo aparecimento não depende da exposição a agentes químicos (metais pesados, solventes orgânicos, por exemplo). Em outras palavras, na linguagem dos leigos: problemas mentais causados pelo excesso de pressão psicológica. "Eles podem ser deflagrados, por exemplo, pela preocupação em manter o emprego ou pelo esforço em chegar ao mais alto posto da empresa."

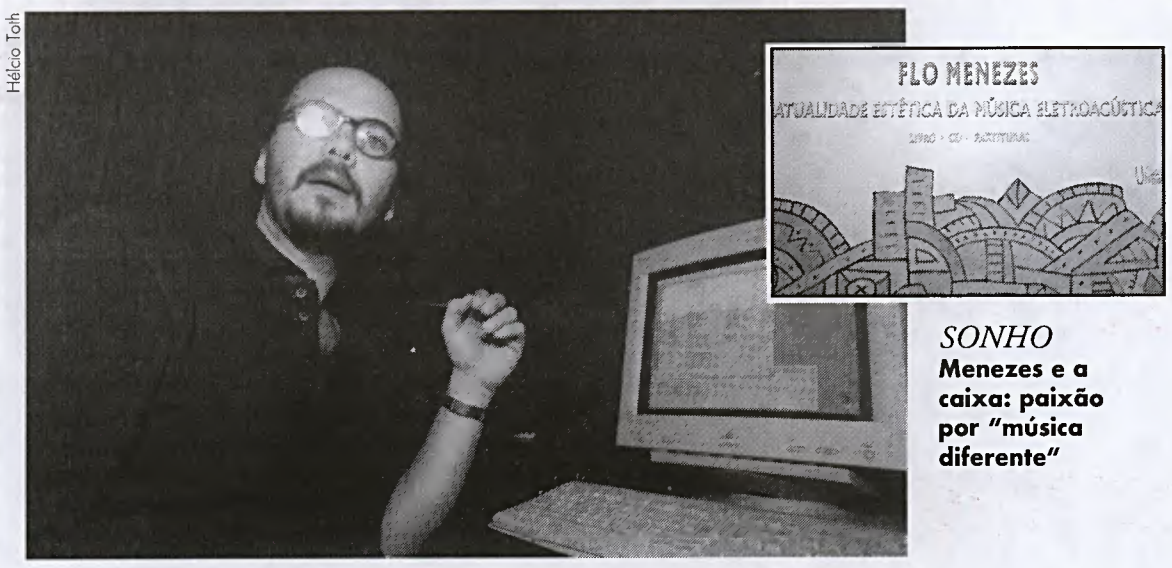
(E.S.)

LANÇAMENTO

Boing, crash, vrum! (Acredite, isso é música)

Discípulo de Stockhousen, musicista lança caixa com música eletroacústica

A partir de meados dos anos 50, a música eletroacústica, que costuma se apropriar de toda a sorte de ruídos – bulícios urbanos, vibração de uma torcida de futebol, coaxar de sapos – e se utilizar, sem cerimônia, dos sons eletrônicos, ocupa lugar de destaque no panorama da música erudita contemporânea. No Brasil, um dos pioneiros dessa tendência é o musicista Flo Menezes, professor de Composição, Análise de Música Contemporânea e Composição Eletroacústica do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo. Pesquisador e compositor do gênero, ele está lançando, pela Editora UNESP, seu sexto livro sobre o tema, *Atualidade Estética da Música Eletroacústica* (R$ 60,00). "É um produto diferenciado, pois conta com um ensaio teórico, duas partituras de obras de minha autoria e um CD com esses trabalhos", diz.



Hélcio Toth

SONHO
Menezes e a caixa: paixão por "música diferente"

O *kit* é o resultado da paixão que Menezes cultiva, desde a infância, pelo que ele chama de "música diferente", bem distante daquilo que entendemos por música popular ou clássica tradicional. "Eu ouvia de tudo, mas fiquei logo fascinado pela música dita erudita contemporânea, sobretudo Stockhousen, que busca a superação dos meios instrumentais tradicionais", conta.

SONHO REALIZADO

Aos 14 anos, Menezes decidiu que queria fazer da música sua razão de viver. Também começou a freqüentar aulas de alemão, pois sonhava especializar-se em música eletrônica, na Alemanha. "Realizei meu sonho. Me graduei em Música, na USP, e, em 1985, consegui uma bolsa para estudar na Europa. Fiquei a maior parte do tempo na Alemanha, mas fiz também especialização em música computacional na Itália", lembra.

Quando voltou ao Brasil, em 1992, o compositor passou a lecionar na UNESP. O atual livro, publicado dentro do Projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da UNESP*, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (Propp) e da Fundação Editora da UNESP, foi sua tese de livre-docência. "Nela, discuto os principais aspectos da composição, como a interação entre os instrumentos acústicos e os meios tecnológicos", relata. "Analiso também os recursos estéticos que utilizo em minhas composições *A Dialética da Praia* e *Parcours de l'Entité*."

Em julho passado, Menezes esteve na Alemanha, onde, a convite do compositor Karlheinz Stockhousen, um dos pais da música eletroacústica e seu ídolo de infância, deu um curso sobre composição. "Dei aulas sobre as obras dele para 40 músicos de todo o mundo", conta o docente do IA.

Diretor artístico do Stúdio PANaroma de Música Eletrônica, criado por meio de um convênio entre o IA e a Faculdade Santa Marcelina, Menezes está finalizando um livro sobre os principais trabalhos de Stockhausen. "Assim como *Atualidade Estética da Música Eletroacústica*, é um livro de análise. Esse tipo de obra é comum na Alemanha, mas raridade no Brasil, onde a música eletroacústica não tem muito espaço. Mas isso não me desanima. Acredito piamente no que dizia o compositor e regente francês Pierre Boulez: 'Se você faz bem feito, consegue público'."

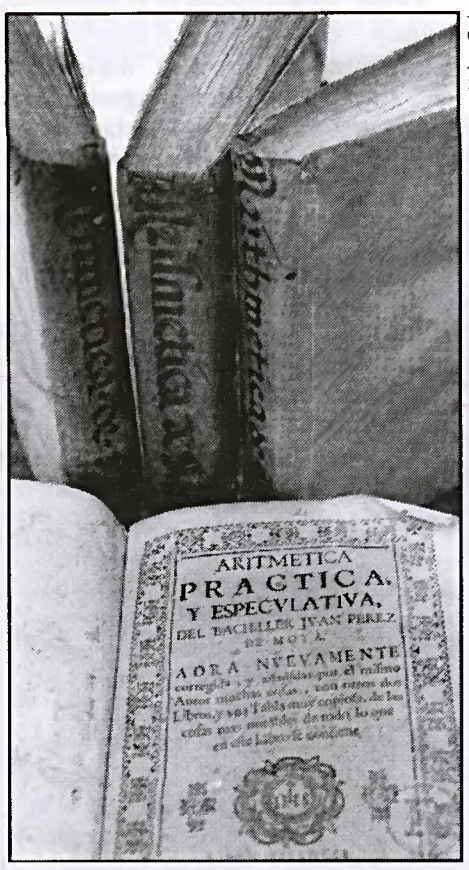
CONVÊNIO

História longe das traças

Documentos raros e valiosos, como cartas de D. Pedro I, são preservados com o auxílio da UNESP

Fundado em 1894, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) reúne um vasto acervo de obras raras sobre a história do Estado e de jornais do Interior. Extremamente frágil, esse material necessita ser devidamente preservado, acondicionado e catalogado. Com esse objetivo, a UNESP e o IHGSP firmaram, em setembro último, na sede do IHGSP, na Capital, um convênio, com duração de cinco anos. "Além de fornecer orientação técnica na área de documentação e preservação, vamos contribuir para que a biblioteca e o arquivo do IHGSP permaneçam acessíveis a pesquisadores de todo o Brasil", informa a historiadora Anna Maria Martinez Corrêa, coordenadora do Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP, que representará a Universidade nas atividades previstas pelo convênio.

O IHGSP possui um acervo de 70 mil volumes especializados em História e Geografia do Brasil e de São Paulo, além de 8 mil títulos de jornais e revistas, como o primeiro jornal de São Paulo, *O Farol Paulistano*, de 1827. O Instituto, que guarda ainda as primeiras atas da Assembléia Legislativa de São Paulo e cartas de D. Pedro I e da Imperatriz Leopoldina, pelos termos do convênio compromete-se a colaborar com a UNESP na divulgação dos resultados dos trabalhos conjuntos. "Também cooperaremos com a Universidade na realização de seminários e outros eventos de caráter acadêmico-científico", diz o presidente do IHGSP, Roberto Machado Carvalho.



Hélcio Toth

RARIDADES
Acervo com cartas e 70 mil volumes

BIBLIOTECONOMIA

Marília, sem segredos

Centro recém-inaugurado preserva memória da cidade

Os interessados em conhecer melhor a história da cidade de Marília e da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, sediada naquele município, têm, desde setembro último, um novo local para concentrar suas pesquisas. É o Centro de Documentação Histórica e Universitária de Marília (Cedhum). "Resultado de sete anos de trabalho, o acervo reúne documentos, fotografias, revistas e livros do período compreendido entre 1928 e 1960", conta a biblioteconomista Palmira Petratti Teixeira, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da FFC e uma das coordenadoras do espaço.

O acervo, que abriga, em 200 m², mais de 650 caixas, reúne um arquivo histórico da cidade, composto por documentos administrativos provenientes da Prefeitura Municipal, e uma pequena biblioteca com livros e periódicos sobre o município. O Cedhum possui ainda um arquivo sobre a história da FFC, coordenado pelo biblioteconomista José Augusto Guimarães, colega de Departamento de Palmira. "Por meio das atas, procurei resgatar a história dos órgãos colegiados da unidade. Também estamos organizando a documentação relativa aos eventos científicos promovidos no câmpus", comenta o docente.

Sediado em um prédio que, na década de 30, abrigou a Fiação Santa Isabel, de propriedade do fundador de Marília, Bento de Abreu Sampaio Vidal, o Cedhum tornou-se realidade graças ao projeto de Infra-estrutura da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). "Devido ao valor histórico do prédio, a reforma resgatou sua estrutura original, restaurando seus aspectos arquitetônicos", diz Guimarães.

Esses cuidados, porém, não afetaram a modernidade da edificação. "O arquivo dispõe de equipamento para climatização do acervo e computadores para garantir aos usuários o acesso ao material", diz Palmira. "Além de tornar o material histórico aqui reunido disponível à população, o centro abrigará ainda programas de estágios a alunos do curso de biblioteconomia", completa Guimarães. O Cedhum está aberto ao público entre 14h e 18h. Outras informações: (0xx14) 421-1270.

Hélcio Toth

ACERVO
Palmira: arquivo com 650 caixas

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE NOVEMBRO

ARARAQUARA

• 3 e 4/11. **Seminário Internacional – As Relações Inter-Americanas, Continuidades e Mudanças Frente ao Novo Milênio.** Promoção do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Cultura e Desenvolvimento e do Programa de Pós-graduação em Sociologia. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx16) 232-0444, ramal 114.

• 16 a 18/11. **II Semana de Ciências Sociais.** Promoção do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. Na FCL. Informações: (0xx16) 232-0444.

ASSIS

• 3 a 5/11. **XVII Semana de História.** Tema: "1999: A História Explica?". Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx18) 322-2933, ramal 228.

BAURU

• 05/11. Último dia de inscrição para o curso de extensão: **Análise de Regressão** a ser realizado de 8 a 19 de novembro. Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx14) 221-6000.

• 8 a 10/11. **VI Simpósio de Engenharia de Produção.** Na FE. Informações: (0xx14) 221-6000.

BOTUCATU

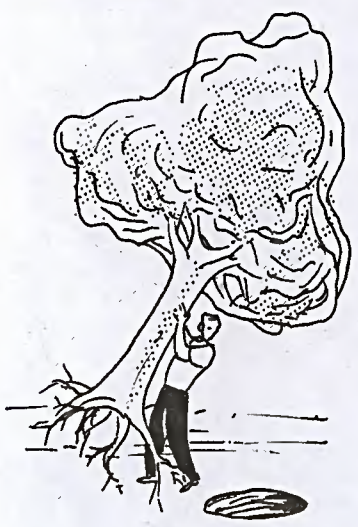
• 3 a 22/11. Período de inscrição para o curso de pós-graduação em **Agronomia.** Área de concentração: Agricultura. Na Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA). Informações: (0xx14) 821-3883, ramal 132.

• 6 e 7/11. **III Curso de Educação Ambiental e Ecoturismo.** Tema: A Parceria do Milênio. Na Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA). Informações: (0xx14) 821-3883, ramal 127.

• 6/11. Curso de **Conservação de alimentos.** Coordenação do Prof. Lin Chau Ming do Departamento de Horticultura da FCA. Na Associação Comunitária do Jardim Ciranda. Informações: (0xx14) 821-3883.

• 11/11. **Debate sobre Violência e Trote.** Promoção da Revista Interface da Faculdade de Medicina (FM). No Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente. Informações: (0xx14) 820-6332.

• 12/11. Último dia de inscrição para o curso de pós-graduação em **Agronomia.** Área de concentração: Energia na Agricultura. Na FCA. Informações: (0xx14) 821-3883, ramal 132.



• 20/11. Curso de **Pomar doméstico.** Coordenação do Prof. Lin Chau Ming do Departamento de Horticultura da FCA. Na Associação Comunitária do Jardim Ciranda. Informações: (0xx14) 821-3883.

• 27/11. Curso de **Plantas Ornamentais.** Coordenação do Prof. Lin Chau Ming do Departamento de Horticultura da FCA. Na Associação Comunitária do Jardim Ciranda. Informações: (0xx14) 821-3883.

• 30/11. Último dia de inscrição para o **Third International Symposium on Natural Polymers and Composites – ISNaPol 2000** a ser realizado em de 14 a 17 de maio de 2000. Promoção do Departamento de Ciências Ambientais. No Hotel Fazenda Fonte Colina Verde, São Pedro. Informações: (0xx16)272-5958.

GUARATINGUETÁ

• 9/11. Seminário em Dinâmica Orbital e Planetologia: **Evolução Dinâmica do Sistema Terra-Lua Devido às Marés.** Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx12) 525-2800, ramal 105.

• 23/11. Seminário em Dinâmica Orbital e Planetologia: **Trajetory Generation and Orbit Determination.** Na FE. Informações: (0xx12) 525-2800, ramal 105.

ILHA SOLTEIRA

• 18, 19 e 20/11. **I Simpósio Brasileiro sobre a Cultura da Figueira.** Na Faculdade de Engenharia (FE). Informações: (0xx18) 763-8100.

JABOTICABAL

• 5/11. **Visita técnica para Holambra II.** Na programação visita técnica aos pomares de pêssego e nectarina, acompanhamento da venda de frutas pelo Leilão Eletrônico e conhecer o trabalho dos profissionais da Holantec. Informações: (0xx16) 323-2500, ramal 286.

• 8,9 e 10/11. **I Encontro de Pós-graduandos da Área de Ciências Agrárias da UNESP.** Promoção: Associação de Pós-graduandos de Jaboticabal. Na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (0xx16) 323-2500, ramal 162.

• 10/11. Palestra: **Abordagem Clínica e Cirúrgica das Luxações em Cães e Gatos.** Às 19h. Realização da Consultoria Agropecuária Júnior UNESP/Jaboticabal (CAPjr). Na FCAV. Informações: (0xx16) 323-2500, ramal 286.

MARÍLIA

• 8 a 9/11. **II Encontro Internacional de Informação, Conhecimento e Aprendizagem.** No Anfiteatro II da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Informações: (0xx14) 421-1295.

• 10 a 12/11. **VIII Jornada Pedagógica - O Curso de Pedagogia em Questão.** Promoção: Conselho de Curso de Pedagogia. No Anfiteatro I da FFC. Informações: (0xx14) 421-1295.

• 17 e 18/11. **Evento em comemoração ao Ano Internacional do Idoso.** No Anfiteatro II da FFC. Informações: (0xx14) 423-6399, ramal 25.

PRES. PRUDENTE

• 9 e 10/11. **III Mostra de Trabalhos Científicos do curso de Fisioterapia.** No Anfiteatro 1 da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações: (0xx18) 221-5388.

• 10 e 12/11. **Congresso de Iniciação Científica da UNESP - Área de Ciências Humanas.** Na FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 10 a 12/10. Curso: **Basquetebol adaptado para pessoas deficientes.** Na FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 10/11. **Minicurso: Cultura Brasileira – Práticas Culturais no Campo.** Voltado para a terceira idade. No Anfiteatro III da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 15 a 20/11. **Semana Zumbi – Exposição sobre o Negro.** Na Biblioteca da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 17/11. **Minicurso: Cultura Brasileira – Conhecimento de Práticas Culturais no Campo.** Voltado para a terceira idade. No Pontal do Paranapanema. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 24 a 27/11. **V Simpósio de Iniciação Científica em Educação Física.** No Prédio discente III da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

• 24 a 27/11. **VIII Encontro para Discutir a Qualidade em Educação Física e Esporte.** No Prédio discente III da FCT. Informações: (0xx18) 221-5388.

RIO CLARO

• 3 a 30/11. Período de inscrições para o curso de especialização: **Alfabetização.** Na Seção de pós-graduação do Instituto de Biociências (IB). Informações: (0xx19) 526-4104.

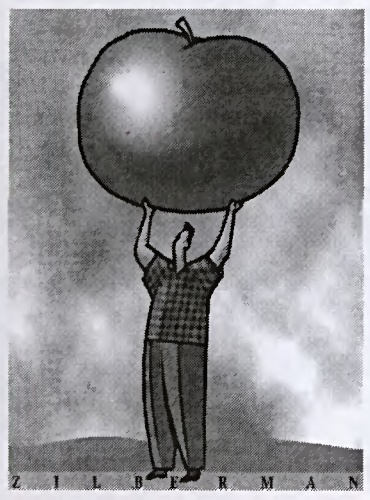
• 7 a 11/11. **9º Congresso Brasileiro de Geologia de Engenharia.** Organização do Departamento de Geologia Aplicada do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). No Hotel Fazenda Fonte Colina Verde, São Pedro. Informações: (0xx19) 526-2803.

• 9/11 a 7/12. **Seminário de Matemática e Educação Matemática.** Às 14h. No Anfiteatro da Biblioteca do Câmpus. Informações: (0xx19) 534-0123.

• 19 e 20/11. **I Conferência Nacional sobre Modelagem e Educação Matemática.** Promoção do Programa de Pós-graduação em Matemática. No Câmpus de Rio Claro. Informações: (0xx19) 534-6104.

• 23/11. **XIV Festival de Arte e Expressão – 1999.** Promoção do Departamento de Educação Física do IB. Às 20h. No Teatro do Sesi de Rio Claro. Informações: (0xx19) 534-0244.

• 29/11 a 03/12. Período de inscrições para o curso de especialização: **Educação Ambiental e Práticas Educacionais.** Na Seção de pós-graduação do IB. Informações: (0xx19) 526-4104.



S. J. RIO PRETO

• 12/11. III Simpósio de **Genética.** Participação de Andrew Simpson, coordenador do Projeto Genoma Câncer, organizado e financiado pela Fapesp. Organizado pelo curso de pós-graduação em Ciências Biológicas, área de concentração em Genética. No Auditório A (Prédio Central) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (0xx17) 221-2444

SÃO PAULO

• 12/11. Palestra: **Um Mergulho no Núcleo Atômico,** do projeto Física ao Entardecer, que aborda tópicos da física moderna. Palestrante: Prof. Dr. Lauro Tomio. Às 18h30, no Instituto de Física Teórica (IFT). Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.

Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
– edição de dezembro, 12/11
– edição de janeiro, 15/12
– edição de fevereiro, 15/01

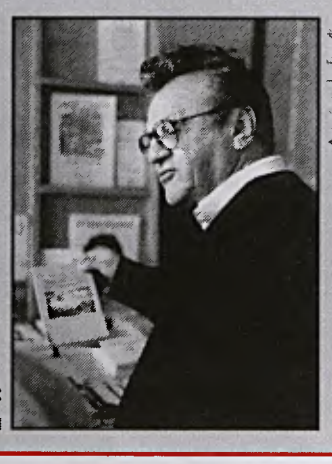
TRIBUTO

A esquerda, com humor e ironia

Vida e obra de Maurício Tragtenberg, por ele mesmo

Exatamente um ano após sua morte, ocorrida em 17 de novembro, o sociólogo e educador Maurício Tragtenberg será homenageado com o lançamento de seu livro póstumo *Memórias de um autodidata no Brasil* (Editora Escuta), organizado pela educadora Sonia Alem Marrach, professora de História da Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília. "A obra é baseada numa entrevista de 12 horas que o militante de esquerda concedeu em setembro de 1983", diz. "Organizei o texto seguindo um critério temático e cronológico, transpondo a linguagem oral para a escrita, sem eliminar a informalidade. Pleno de humor e ironia machadiana, Tragtenberg discorre na obra sobre sua vida intelectual e sobre a cultura política da esquerda brasileira."

Durante o lançamento, haverá um evento multimídia, que combinará a leitura de poesias por Beatriz Tragtenberg, viúva do intelectual, com a participação dos filhos do casal, a cantora lírica Lucila, que interpretará músicas judaicas espanholas, e o músico Lívio. Haverá ainda a mesa-redonda "Tragtenberg e a Universidade", coordenada pelo cientista político Edson Passete, da PUC-SP, com a participação do filósofo Roberto Romano, da Unicamp, do historiador Sérgio Antonio Bandeira de Mello, da UFRJ, e da professora Sonia. "Realizaremos também uma exposição de fotos e de livros de Tragtenberg, a maioria, infelizmente, fora de catálogo", informa Beatriz. Às 19h30, no Museu da Cultura da PUC-SP, no câmpus da Universidade, na Capital, à Rua Monte Alegre, 984. Informações: (0xx19) 986-4679.



Arquivo de família

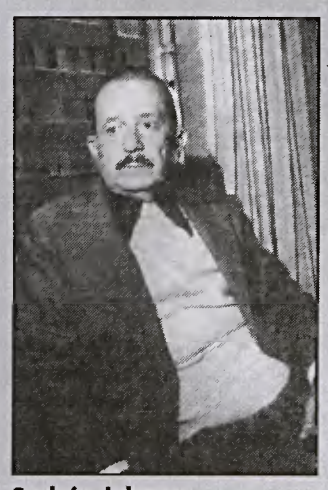
Tragtenberg: entrevista

CICLO

Vida e obra de um marxista

A contribuição intelectual do historiador Werneck Sodré

Militar e historiador marxista, Nelson Werneck Sodré, falecido em janeiro último, foi um dos intelectuais brasileiros mais atacados, recebendo criticas tanto da direita como da esquerda. Desde junho último, o Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP vem promovendo, em sua sede, na Capital, um ciclo de debates sobre sua vida e obra, que se encerra com duas mesas-redondas nos dias 9 e 11 de novembro, às 14 h. Na primeira, Gildo Marçal Brandão, da USP, Marcos Tadeu Del Roio, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, e Angélica Lovato, da Fundação Santo André, discorrerão sobre "O Debate Nacionalista no Brasil dos Anos 50".



Arquivo

Sodré: debates

Dia 11, sob o tema "Uma leitura de Brasil", os convidados são intelectuais que conviveram com o militar (ele foi general, cassado em 64), como Marco Aurélio Nogueira e José Antônio Segatto, docentes da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, e Marly Vianna, da Universidade Federal de São Carlos. "Serão debatidas a participação de Sodré na revista *Temas de Ciências Humanas* e aspectos de seus 55 livros", informa o coordenador da mesa, o cientista social Paulo Ribeiro da Cunha, da FFC. Ele também estará presente em outro debate sobre Sodré, intitulado "O Desafio do pensamento no Brasil", a ser realizado dia 24 de novembro, no Auditório I da FFC, com a participação de João Quartim de Moraes, da Unicamp, e do professor Del Roio. Informações no Cedem, pelo telefone (0xx11) 252-0510, ou na FFC, pelo (0xx14) 421-1232.

Tristeza pode matar

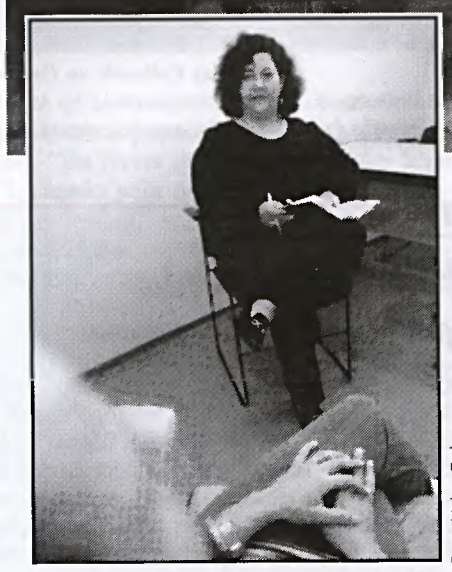
Ciências como a psiconcologia mostram como a depressão, o estresse e a falta de auto-estima afetam o sistema imunológico, podendo desencadear o aparecimento de tumores malignos

Onze Horas da Manhã - Edward Hopper/1926

A advertência do Ministério da Saúde é clara: fumar pode causar câncer de pulmão. Da mesma forma, tomar sol demais predispõe o organismo aos carcinomas, tumores malignos de pele. Das cem doenças reunidas sob a égide única de "câncer" – caracterizadas pelo crescimento desordenado das células –, cerca de 80% estão associadas a fatores ambientais. Em outras palavras, poderiam ser evitadas. Na prática, não é o que acontece. No Brasil, a doença deve matar este ano 104.200 pessoas, 23% a mais do que há 20 anos, segundo estimativas do Instituto Nacional do Câncer (Inca). Só o fumo será responsável por 30% dos óbitos.

Sabe-se, entretanto, que apenas largar o vício e evitar exposições prolongadas ao sol não resolve o problema. Além dos fatores de risco ambiental, a interação com os fatores internos, geneticamente predeterminados, pode aumentar as chances de o indivíduo apresentar um tumor maligno. Baixa condição imunológica, provocada por outras doenças, e estados profundos de desânimo também são fatores de risco. Neste último caso, a psiconeuroimunologia e a psiconcologia — ciências que estudam o papel das variáveis psicológicas e comportamentais no desenvolvimento de um câncer — estão caminhando a passos largos na tentativa de relacionar os efeitos dos estados emocionais na modificação hormonal e na alteração do sistema imunológico. Um estudo realizado pela psicóloga Carmem Maria Bueno Neme, da Faculdade de Ciências (FC) do câmpus da UNESP de Bauru, aponta nessa direção.

Em sua tese de doutorado, concluída em agosto último, sobre os ganhos que os pacientes oncológicos tiveram com o tratamento psicológico, Carmem constatou a ocorrência significativa de histórico de estresse ligado à família, ao trabalho e à saúde. "A longo prazo, essas reações podem gerar modificações psicofisiológicas, com alteração no sistema imunológico, possibilitando o aparecimento de várias doenças graves", afirma a psicóloga, que coordenou um amplo trabalho, nessa área, no Hospital Manoel de Abreu, pertencente à Associação Hospitalar de Bauru.



Fotos Hélcio Toth

NO DIVÃ
Carmem e uma paciente: ganhos terapêuticos com aumento da auto-estima

O oncologista Júlio César Donato, da Faculdade de Medicina do câmpus de Botucatu, concorda com Carmem. Segundo ele, numa situação de estresse, o organismo libera hormônios, principalmente a adrenalina. Esses hormônios têm ação constritora nos vasos sangüíneos, alterando o funcionamento dos glóbulos brancos, responsáveis pela resposta imunológica do organismo. "Justamente por seu potencial de desencadear neoplasias malignas, os fatores psicossociais vêm despertando grande interesse na comunidade científica", reconhece.

ENFRENTANDO A DOENÇA

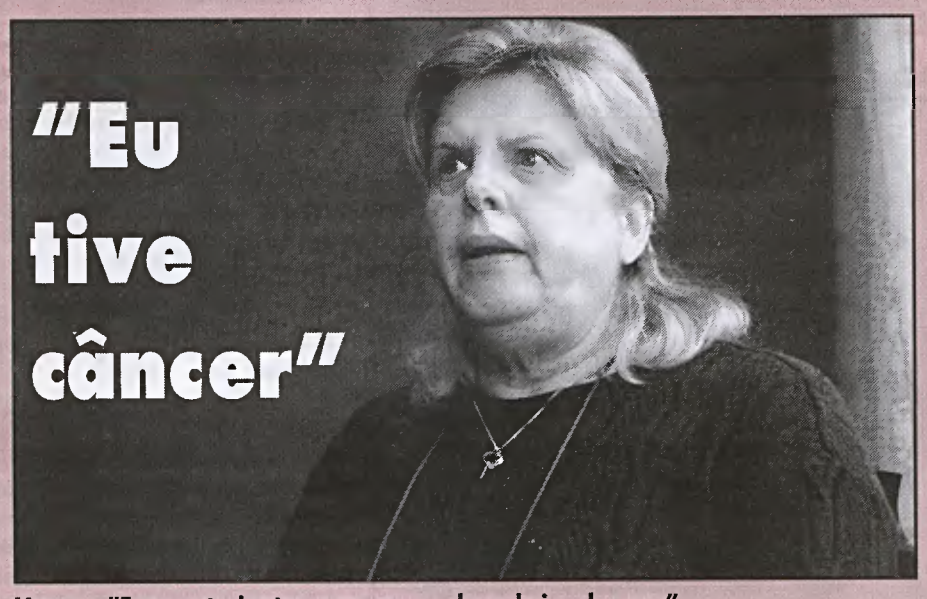
Durante três anos, de 1996 a 1998, Carmem Neme entrevistou 130 pacientes com câncer, entre 19 e 82 anos, que estavam tendo atendimento psicoterápico. A maioria era do sexo feminino, tinha a doença em estágio adiantado e pouca escolaridade. Quase metade sofria de câncer de mama, útero e ovário. Carmem constatou que o trabalho de psicoterapia feito com os pacientes ajudou-os a reorganizar a vida e a reagir melhor ao tratamento quimioterápico. "Cerca de 92% dos pacientes tiveram ganhos terapêuticos, com aumento da auto-estima", comenta. A psicóloga conta que, no início, 31% não admitia o câncer. "Ao final, mostraram-se dispostos a enfrentar a doença e a resolver conflitos psicológicos e interpessoais."

Uma informação curiosa encontrada pela pesquisadora diz respeito à história de vida comum entre pacientes que sofriam de câncer. "No caso dos tumores de mama, muitas mulheres declararam ter sofrido perdas familiares, principalmente filhos", conta Carmem. Outra constatação foi de que apenas 11,5% dos enfermos tinha tido um ou mais parentes com câncer. "Ficou evidenciado que o fator genético não é prevalente", diz. O oncologista Donato compartilha essa opinião. "A genética é uma das causas do câncer, mas sua importância deve ser relativizada em relação ao estilo de vida adotado pela pessoa", pondera.

Outra característica comum entre os pacientes, notada pela psicóloga, é o fato de a maioria ter vivenciado episódios de dor nos cinco anos anteriores à manifestação da doença. Cerca de 40,3% deles relataram conflitos conjugais graves. Outros 24,2% tiveram luto na família. Na área profissional, 38% tinham perdido o emprego ou enfrentaram problemas financeiros, e na saúde, 31% haviam se acidentado ou passado por cirurgias. "Pessoas com tendência à depressão são mais propensas a desenvolver doenças graves", atesta a pesquisadora.

Os médicos reconhecem ainda que, de maneira geral, pacientes depressivos têm resposta imunológica mais lenta à quimioterapia. "Ao saber de sua patologia, o doente apresenta alterações emocionais que, quase sempre, prejudicam o tratamento", admite Donato. Na pesquisa de Carmem, cerca de 35% dos pacientes reagiram com pânico ao saber do diagnóstico e só 25% esboçaram esperança com o tratamento. Por isso, ela chama a atenção para a importância do momento em que será revelada ao paciente a sua real condição. "É preciso conhecê-lo a fundo", conclui. E faz um alerta: os programas de prevenção ao câncer têm que incluir os aspectos psicológicos como fatores de risco. "Quando se trata de câncer, nenhuma possibilidade pode ser desprezada."

Tânia Belickas



Maura: "Enquanto juntava os cacos, descobri a doença"

"Descobri que tinha câncer num momento particularmente difícil. Tinha perdido meu marido havia sete meses, de forma repentina, depois de uma longa convivência de dezessete anos. Meus quatro filhos – o mais novo então com um ano e nove meses e a mais velha, com 16 anos – ficaram inconformados com a morte do pai. Eu trabalhava como psicóloga e não ganhava o suficiente para suprir as despesas da casa. Além disso, meu marido havia deixado dívidas, que precisavam ser saldadas. A situação era aterrorizante. Trabalhava das seis da manhã até o começo da madrugada. Vendi até salgadinhos. Foi nesse momento, enquanto juntava meus cacos, que descobri a 'maldita' doença. Era um tumor no abdômen, que precisava ser extirpado imediatamente. Fui operada às pressas, numa cirurgia que durou sete horas. Por um bom tempo, vivi uma angústia danada. Não precisei fazer quimioterapia, mas vivia apavorada com a possibilidade de a doença voltar. Me senti indefesa diante dela: como aquele câncer entrara em mim? Por que escolhera justo a mim? Por essa época, uma amiga me convidou para assistir uma palestra sobre pacientes com câncer. As respostas estavam todas lá. Ouvia relatos de pessoas que tinham passado pela mesma situação que eu, e também podia expressar, ali, minhas próprias dores e angústias. Decidi ir trabalhar numa clínica de tratamento de câncer, semente para o futuro Centro Oncológico de Recuperação e Apoio (Cora), que hoje coordeno. Com o tempo, percebi que sempre forcei a minha natureza. Vivia situações de medo, de susto e raiva sem expressá-las. Me permitia pouquíssimo prazer. Hoje, me relaciono com o mundo de maneira oposta. Estou mais aberta. Acho que posso dizer que estou mais viva, hoje, do que antes do câncer."

Maura Mastrobuono de Camargo, 61 anos.